

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF**  
**INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL – IACS**  
**CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

**LUIZA DE JESUS PION**

**GRAFITE: LEITURAS ESTÉTICAS E POLÍTICAS DE UMA ARTE URBANA.**

**Niterói**

**2016**

**LUIZA DE JESUS PION**

**GRAFITE: LEITURAS ESTÉTICAS E POLÍTICAS DE UMA ARTE URBANA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à escola de produção cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do grau de bacharel em produção cultural.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Guelman

Niterói

2016

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragotá**

P662 Pion, Luiza de Jesus.  
Grafite : leituras estéticas e políticas de uma arte urbana / Luiza de Jesus  
Pion. – 2016.  
76 f. : il.  
Orientador: Leonardo Guelman.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural)  
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,  
2016.  
Bibliografia: f. 67-76.  
1. Grafite. 2. Arte de rua. 3. Cultura. 4. Arte. I. Guelman, Leonardo, 1964-.  
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social.  
III. Título.



**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

**IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO**

Nome do Candidato: **LUIZA DE JESUS PION** Matrícula: 021033061

Título do Trabalho:  
**GRAFITE: LETURAS ESTÉTICAS E POLÍTICAS DE UMA ARTE URBANA**

Orientador: **Dr. Leonardo Guelman**

Categoria: **Monográfica** Data da Apresentação: **01/04/2016**

**BANCA EXAMINADORA**

1º Membro (Presidente): **Dr. Leonardo Guelman**

2º Membro: **Dr. Wallace de Deus Barbosa**

3º Membro: **Me. Kyoma Oliveira**

**AVALIAÇÃO:**

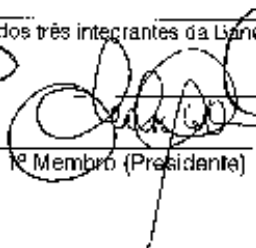
Análise / Comentário

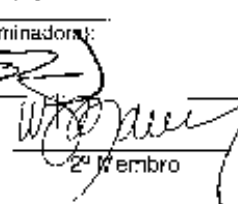
A banca destaca a qualidade do trabalho nas interfaces de expressões artísticas e movimentos culturais no contexto da cidade, promovendo um exercício interpretativo sustentado em camadas analíticas que buscam dar conta de complexidade (multiplicidade) do fenômeno estudado. Ressalta-se ainda a boa apresentação e sugere o desdobramento da pesquisa no âmbito da pós-graduação.

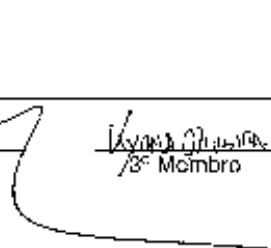
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):

10

ASSINATURAS

  
1º Membro (Presidente)

  
2º Membro

  
3º Membro

Dedico esse trabalho à minha mãe, Mirian de Jesus Pion, à minha afillhada, Natália Peon de Oliveira Duque e a todos os grafiteiros e artistas de rua.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me dado à oportunidade de realizar meu sonho de estudar na Universidade Federal Fluminense.

À minha mãe, Mirian de Jesus Pion, por todo o apoio dado a mim nos momentos de dúvida e incerteza, e por todos os sacrifícios feitos até aqui para que eu concluísse a graduação.

Ao meu professor e orientador Leonardo Guelman, por ter acreditado tanto na minha potencialidade quanto na do meu trabalho.

A todos os professores do Instituto de Artes e Comunicação Social, professores que por cada aula dada com criatividade, conteúdo e reflexão, me empoderou não só como aluna, mas também como profissional e mulher.

Aos meus amigos: André Cesari, Beatriz Knipfer, Karin Müller e William Mathias, pelas incontáveis conversas, por acreditarem em mim quando mais precisei e por não permitir que eu me abatesse pelos momentos de tristeza.

Aos grafiteiros e artistas de rua, que transformam o meio urbano por meio da arte, dialogando com o espaço público e inspirando os jovens a produzir, aprender e valorizar o fazer artístico. Agradeço em especial à Panmela Castro e Tomaz Viana pela entrevista concedida a mim para a realização deste trabalho.

A todos, o meu muito obrigada.

“Wanted to tell you; “Accept yourself”. You don’t have to prove shit to no one except yourself.” – Tuscan Leather – Drake.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>10</b>
-------------------	-----------

<b>CAPITULO I</b>	<b>12</b>
-------------------	-----------

1. O grafite e seu surgimento	12
-------------------------------	----

2. O começo do grafite / <i>street art</i> e seus diálogos	15
--	----

## CAPITULO

<b>II</b>	<b>18</b>
-----------	-----------

3. Linhas de abordagem	18
------------------------	----

3.1 <i>Via estética;</i>	18
--------------------------	----

3.2 <i>O contexto cultural / identitário;</i>	21
---	----

3.3 <i>Questão educacional / social;</i>	24
--	----

3.3.1 <i>Grafite e o feminismo;</i>	26
-------------------------------------	----

3.4 <i>O campo político;</i>	29
------------------------------	----

3.5 <i>A dimensão econômica;</i>	31
----------------------------------	----

3.5.1 <i>Entrevistas – Parte 1</i>	33
------------------------------------	----

<b>CAPÍTULO III</b>	<b>37</b>
---------------------	-----------

4. Entre-espacos : Grafite – Pichação	37
---------------------------------------	----

4.1 <i>Pichação e o reconhecimento</i>	42
--	----

<b>CAPÍTULO IV</b>	<b>46</b>
--------------------	-----------

5. O grafite/ <i>street art</i> na cidade do Rio de Janeiro	47
---	----

6. Como grafite se estabelece como produção cultural na cidade do Rio de Janeiro	57
--	----

6.1 – <i>Entrevistas - parte 2</i>	62
------------------------------------	----

<b>Conclusão</b>	<b>64</b>
------------------	-----------

<b>Anexo I</b>	<b>66</b>
----------------	-----------

<b>Referências</b>	<b>67</b>
--------------------	-----------



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o grafite e a *street art* (arte urbana) modificam não só a estética da cidade do Rio de Janeiro, como também a perspectiva de seus agentes nesse modo de inserção artística. Inicialmente, traçamos um caminho do grafite e seu surgimento, analisaremos a sua ascensão, suas características e importância enquanto arte. Utilizando exemplos de outras cidades como São Paulo, hoje considerada o berço da arte urbana, e de outros artistas fora do Rio de Janeiro. Num segundo momento, pretende-se demonstrar como o grafite se tornou uma ferramenta de luta social, de empoderamento e resistência, como hoje ele vem ganhando um espaço nos projetos culturais, galerias e reconhecimento na sociedade em que vivemos.

Palavras-chave: Grafite, *street art*, cultura, arte.

## **ABSTRACT**

This study has as the main idea to analyze how the graffiti and the street art (urban art) changes not only the Rio de Janeiro's esthetics, but also the perspective of the artists in this type of artistic insertion. First, we go through by a graffiti path, talking about your beginning, we're going to analyze the raise of it, the characteristics and the importance as art as well. Using examples from others cities like São Paulo, which were considered where the urban art borned in Brazil, and also others artists outsiders from Rio de Janeiro. Secondly, we want to show how the graffiti became an tool of social struggle, empowerment and resistance, and how nowadays it has been becoming more popular in cultural projects, galleries and with the acknowledgment in the society in which we live.

Keywords: graffiti, street art, culture, art.

## Introdução

O trabalho se propõe a mostrar uma nova visão sobre a arte urbana. Fazendo uma análise sobre como o grafite e a *street art* se desenvolveram ao longo dos anos, desde seu começo com o advento do spray, até os dias de hoje, onde a prática vem sendo reconhecida como arte. Pretende-se examinar quais foram/são seus obstáculos e suas influências, bem como seus avanços, reconhecimentos, e como a arte de rua possui diversos desdobramentos e diferentes relevâncias que a legitimam.

Abordaremos questões estéticas, políticas, econômicas, dentre outras, que enfocam como o grafite e a *street art* são criações artísticas que se diferenciam da prática da pichação. Examinaremos também a prática do grafite bem como seu potencial transformador, para seus agentes, aprendizes e admiradores.

Nesse sentido, na estrutura proposta em nosso trabalho, veremos no capítulo um o grafite e a *street art* de uma forma articulada. Será feita uma análise geral do fazer artístico, assim como se deu seu surgimento. O segundo capítulo será dedicado a traçar as linhas de abordagem dentro do grafite, ou seja, as diversas áreas e representações que a arte de urbana pode ter em diversos segmentos. Fazendo uma leitura dentro do universo da estética, cultura, identidade, educação, feminismo, política e economia. Ao final deste capítulo uma breve entrevista traduz como a dimensão econômica vem se tornando um elemento crucial na divulgação e sustento desses artistas.

O terceiro capítulo traz a distinção de grafite e pichação, prática ainda muito comum nas cidades. Analisando como elas se diferem, como são seus agentes, e como eles têm a visão da sua “arte” perante a sociedade. Trazendo a indagação da pichação como arte que pode ou não ser reconhecida.

O quarto e último capítulo será dedicado ao aprofundamento do grafite / *street art* na cidade do Rio de Janeiro. Como ele se fez presente na cidade, agregando uma nova estética à visão do carioca em relação ao meio em que vive. Como os grafiteiros por meio do seu trabalho, fizeram do grafite uma arte rentável e como ele se relaciona com o fazer cultural.

E finalmente, como a arte de rua vem se destacando enquanto produção cultural, por meios de projetos e iniciativas sociais que ajudam jovens, mulheres, e uma minoria até então mais marginalizada, que fizeram da arte de rua fonte de criatividade e luta social. Como se

desenvolveram através da criação artística e da busca pela identidade. Almejando o reconhecimento da relação cidadão-cidade, com a construção de um novo pertencimento e lugar de fala e expressão dentro da sociedade em que vivem.

# CAPÍTULO I

## 1. O grafite e seu surgimento:

O termo *grafite* ou *grafito*, em italiano, significa “escritas feitas com carvão”. A palavra *graffiti* seria o plural de *grafito*, estando relacionado etimologicamente ao termo “graphein” – do grego escrever. Para efeito do nosso trabalho, passaremos a designar seguindo o uso corrente da linguagem a palavra grafite, que aqui preliminarmente defendemos como uma prática estética e artística, que toma como suporte os espaços públicos das cidades, constituindo assim, o objeto principal presente nesta monografia.

Geralmente, a maioria dos grafites são sempre feitos em muros, e quase sempre sem autorização, (pelo menos no começo da prática). Grafite engloba qualquer mensagem (escrita por letras ou imagens) em um suporte que não foi designado para aquele fim. A língua inglesa pode usar o termo também para os pichadores, mas mais adiante será analisado que são intuitos e formas de representação distintas.

Já o termo *street art* é mais recente, embora também seja uma intervenção nas ruas, e tenham elementos vindos do grafite. Alguns artistas utilizam outros materiais para intervenção. Cabe ressaltar aqui inicialmente que a *street art* (arte de rua), tem como definição um aspecto mais amplo do que seria sua representação. Usando elementos do grafite, como sprays e desenhos com profundidade, e também traz elementos próprios: estêncil, lambe-lambe, tintas, desenhos em 3D, intervenções, *sitckers*, performances, etc.

“De acordo com as definições da arte e das suas épocas, a *Street Art* não é considerada por assim dizer pura raça. Por vezes oferece elementos e objectivos absolutamente nobres, mas jamais renega a suas origens das ruas. A robustez é, por outro lado, própria desses “sem raça”. A *Street Art* tem estado presente em quase todas as épocas e lugares, e é praticamente inextinguível. Porém, entre as suas características há uma que é a mais fascinante, determinante e que se manteve ao longo do tempo: a estreita relação com o dia-a-dia da rua que o faz transcender para lá das suas origens” (STAHL, 2009, p.7).

O grafite surge de uma forma muito mais simples do que se conhece hoje, no entanto, com o mesmo propósito: o de passar uma mensagem. É basicamente uma necessidade humana, como qualquer outra, e assim como atualmente, os povos antigos também se comunicavam por meio de desenhos e signos, como podemos ver em pinturas rupestres, e na

escrita egípcia. A ideia de escrever e desenhar para ser visto, reconhecido, e entendido, se estende até hoje.

(...) O que é facto é que na história humana sempre existiram desenhos e pintura nas paredes. Da nossa perspectiva actual, devido ao uso do papel, do telefone e dos ecrãs, por vezes nos é difícil imaginar a importância que a parede teve como meio de comunicação. (STAHL, 2009, p.15).

Segundo Benjamin (1955)<sup>1</sup>, no interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transformam ao mesmo tempo em que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente. Nos primórdios, a criação artística tinha como intuito o culto. As obras eram esculpidas e/ou desenhadas como um ritual, e com a reprodutibilidade criada ao passar dos anos, as obras trazem um novo sentido, o de exposição e imitação por seus expectadores.

É indispensável levar em conta essas relações em um estudo que se propõe estudar a arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porque elas preparam o caminho para a descoberta decisiva: com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte se emancipa, pela primeira vez na história, de sua existência parasitária, destacando-se do ritual: A obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida. A chapa fotográfica, por exemplo, permite uma grande variedade de cópias; a questão da autenticidade das cópias não tem nenhum sentido. Mas, no momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política. (BENJAMIN, 1955, p3).

Os símbolos e desenhos utilizados como forma de comunicação e resistência, intervenção e protesto, e todas as necessidades que a sociedade teve e tem em registrar os fatos ao longo dos anos, se faz presente até hoje.

Pode-se dizer que a arte rupestre foi uma das primeiras a disseminar e incentivar artes urbanas posteriores. Pois as duas originalmente possuem a mesma vontade, a de permanecer para a posteridade, a de dizer: “eu estive aqui”. “É que estas inscrições são marcas deixadas não só para a própria pessoa, mas também de uma maneira geral, para que sejam vistas por todos os outros.” (STAHL, 2009, p.15).

Acredita-se que as primeiras formas de comunicação foram as “mãos em negativo”, pintadas nas paredes, utilizando “canudos” feitos de galhos de árvores e pigmentos coloridos

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. A ideia do cinema. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1955. P.2

usados com água. Posicionavam as mãos na frente das rochas, e assim após o sopro da tinta, ficavam “negativadas”.



2

Não há como saber qual era o exato intuito inicial, ao se passar uma mensagem desenhando mãos, pessoas, animais e pequenas histórias, pode ter sido motivado por múltiplos motivos: perpetuação, culto, pertencimento... etc. Para Benjamin, “Em sua essência, a obra de arte sempre foi reproduzível. O que os homens faziam podia ser imitado por outros homens” (1955, p.1).

Mas o que “une” a “escrita desenhada” do passado aos dias atuais, é a prova de que ainda se faz necessário expor o sentimento, o simbolismo implícito em cada desenho, a vontade de se expressar através de pinturas.

O que tem isto de urbano? Do ponto de vista da ciência do urbanismo, nada. Mas do ponto de vista do homem urbano, gregário, que constrói cidades e se enterra nelas, que ainda, como os antepassados distantes, olham para o céu na ânsia de compreender à existência, tem tudo a ver. Nossas origens pulsam ainda, e para sempre pulsarão, quando nos religamos a terra. A esta “religação” chamamos arte, e com ela preenchemos nossos horizontes resumidos, espaços, paredes, anteparos, limites territoriais que no fundo da alma bramem sufocados. (...) Imaginando um salto no tempo desde a Serra da Capivara até agora, encontramos mais ou menos os mesmos elementos impulsionando a vida neste cenário contemporâneo. (...) O Xamã é o artista, qualquer artista, pois ele é quem nos liga a mundos que vão além do toma-lá-dá-cá, e transformam esse limite binário em visões plenas de expressões e sentimentos. (CÓRDULA, 2014, p.18.).

---

<sup>2</sup> Mãos em negativo, feitas há 13000 e 9500 anos, na Cova das Mãos ou Cueva de las Manos , caverna situada na Província de Santa Cruz, Argentina. Foto disponível em: [http://lounge.obviousmag.org/psicologia\\_na\\_contemporaneidade/2014/11/as-artes-e-a-evolucao-da-especie-humana.html#ixzz3fd8GsBwD](http://lounge.obviousmag.org/psicologia_na_contemporaneidade/2014/11/as-artes-e-a-evolucao-da-especie-humana.html#ixzz3fd8GsBwD)

Com o passar dos anos, a imagem foi “tomando” lugar de destaque, as artes começaram a ser admiradas em suas representações. No Renascimento, as culturas tipográficas e iconográficas tiveram suma importância, pois representavam os poderes das letras e das imagens.

Participou no renascimento, da valorização da pintura, da afirmação de sua capacidade de captar um ato de palavra vivo, o momento decisivo de uma ação e de uma significação. A poética clássica da representação quis, conta o rebaixamento platônico da *mimesis*, dotar o “plano” da palavra ou do quadro de uma vida, de uma profundidade específica, como manifestação de uma ação, expressão de uma interioridade ou transmissão de um significado. Ela instaurou entre palavra e pintura, entre dizível e visível, uma relação de correspondência à distancia, dando à “imitação” seu espaço específico. (RANCIÈRE, 2009, p.22.).

Logo, percebe-se que, as imagens assim como as pinturas nas paredes e a vontade de passar uma mensagem, já era intencional, reproduzível e admirável desde início o dos tempos.

## 2. O começo do grafite / *street art* e seus diálogos:

Como foi dito anteriormente, a forma de se expressar por meio de desenhos em muros já vem ao longo de muitos anos, pode se dizer que o grafite e a *street art* começam dessa forma, num intuito de mostrar as pessoas que algo precisa ser dito, ou mudado. Bertolt Brecht insistiu na ideia de que cada manifestação artística também é política.<sup>3</sup> Surge então a forma de querer se dizer algo sem que se possa ser controlado, e que deva chegar a todos que veem aquele desenho e/ou mensagem.

Segundo Gitahy (1999), após a segunda guerra mundial, houve o advento da produção de materiais em aerossol, como os inseticidas, perfumes e desodorantes. Logo, as tintas também começaram a vir em spray o que facilitava a pintura, tornando-a mais rápida. Pode-se dizer que o grafite começa a dar seus “primeiros passos” com a manifestação na França de 1968. “Durante a revolta dos estudantes iniciada em maio 1968 em Paris, vimos como o spray viabilizou que as mesmas reivindicações que eram gritadas nas ruas, fossem rapidamente registradas nos muros da cidade” (GITAHY, 1999, p.21.).

Sendo assim, nos anos 60, os jovens foram às ruas expressarem suas diversas formas de opinião e enfrentamento.

---

<sup>3</sup> STAHL, Johannes *apud* BRECHT. 2009, p.88.



“*The words of the prophets are written on the subway walls*” cantam Simon and Garfunkel no ano de 1964, na sua canção de *Sound of Silence*. Com o slogan: “As paredes tem a palavra”, as revoltas estudantis dos anos 1960 tentavam representar nas paredes das grandes cidades não só as suas ideias políticas, mas também a sua poesia. (STAHL, 2009, p.8).

No Brasil, a introdução do spray começa nos anos 50, passando pelos 60 e nos anos 70 se consagra como manifestação artística. Segundo Silva-e-Silva (2011), o fenômeno chega ao Brasil em 1978, na Zona Sul do Rio de Janeiro onde foi realizada a inscrição Lerfa-mú, que logo vira “rival” de outra inscrição famosa criada em 77: “Celacanto provoca maremoto”, fatos que serão abordados mais adiante.

O grafite e a pichação começam então a ganhar espaço com uma ideologia de enfrentamento, um movimento contracultural, uma busca por mudanças, principalmente na época da ditadura militar. Na segunda metade dessa década, surgem Alex Vallauri (um dos principais precursores do grafite no país), Carlos Matcuk, dentre outros. E então a atividade de grafitar nas ruas aflorou.

Ainda nos anos 70, o grafite surge no estilo mais próximo do que conhecemos hoje em Nova Iorque, com destaque a dois artistas que foram pioneiros na prática: Jean Michel Basquiat<sup>4</sup> e Keith Haring. Artistas que junto de David Bowie e Andy Warol, criaram uma nova visão sobre o mundo das artes.

Com idênticos fundamentos, Stefan Eins abriu em 1978 a Fashion Moda Gallery. A sua localização no famoso South Bronx era já uma declaração de princípios; tinha como influencia étnicas do lugar com os impulsos da arte contemporânea (...) no meio da galeria reuniam-se *pieces* de conhecidos *sprayers*. Realizam-se workshops que proporcionavam os primeiros conhecimentos à nova geração de *sprayers*. (STAHL, 2009, p. 136)

Embora o grafite não tenha exatamente “nascido” inicialmente com esse movimento, não dá para negar que ele ganhou notoriedade com o *hip-hop*, um gênero musical da década de 70, que trouxe com ele “estilos” e “tendências”: como *breakdance*, o *rap*, os *MCs* (*master of ceremony*) e os *DJs* (*disk jockey*). O *hip-hop*, fez do grafite uma marca, uma identidade. As gangues de rua o tinham como elemento de reconhecimento e usavam o grafite para demarcar seus territórios, feitos nas áreas que onde a prática do *hip-hop* era frequente. Inclusive gerando um dos estilos da escrita que seria o grafite *hip-hop*. Com o passar do tempo o grafite

---

<sup>4</sup> Basquiat assinava como SAMO – “Same old shit” e mais tarde passou a assinar como “SAMO is dead” no início dos anos 80.

ganhou nomes como o *free-style*, o *throw-up* o 3D de acordo com cada traço. E assim a prática começava a ocupar a cidade.

A comunicação local no espaço urbano pode ser entendida como uma forma de externalizar a aspiração pessoal de reconhecimento bem como uma dinâmica prática moral de resistência social que não se articula como um conflito político (...) vale considerar a existência de outras perspectivas que sustentam a prática do grafite. Gangues urbanas usam o grafite como um mecanismo de competição e luta por poder (...). (VENTURA, 2012, p. 263)

No Brasil o *hip-hop* tem seu início nos anos 80. O movimento típico das periferias, surgiu como uma forma de demonstrar o descontentamento com o poder público, de trazer por meio de letras polêmicas uma manifestação contra a maneira em que os jovens negros das favelas eram vistos e tratados. Para Ventura (2012), a arte do grafite, a poesia cantada e a dança *break* inscrevem instrumentos de luta social e afirmação de uma potência transformadora que legitima simultaneamente a inclusão social, moral e a recriação da personalidade individual, “recriação do *self*”.

Ao se falar de grafite, é importante ressaltar a ideia de que não é uma arte estanque, assim como seus criadores, a fluidez está muito presente na sua forma artística. Como veremos mais adiante, um grafiteiro começa a ganhar espaço e notoriedade quando começa sua “peregrinação”, das paredes do bairro, para as da cidade, da cidade para as de outras cidades, e das outras cidades para o exterior. Embora este trabalho se proponha a fazer uma abordagem sobre a cidade do Rio de Janeiro, ocasionalmente no primeiro e segundo capítulo serão usadas falas de outros artistas do Brasil, exatamente por se tratar de fazer artístico andarilho.

## CAPÍTULO II

### 3. Grafite: linhas de abordagem

Não é de hoje que o homem tem a necessidade de se comunicar, o que o grafite e a *street art* trazem à tona, é essa urgência latente; algo precisa ser exposto. Mas ainda assim, a arte de rua ainda sofre algumas resistências, não é vista como algo realmente transformador e influente. Não só para a cidade, mas também para o artista, e para quem a contempla, como exemplifica Stahl:

(...) Alguns arqueólogos como Raffaele Garucci separam com absoluta clareza os graffiti da arte oficial. Essa distinção condicionou desde o início a maneira de ver tanto a *street art* como os graffiti, que ainda hoje é determinante para sua aceitação: **o que provém da rua, raramente é considerado de qualidade.** (STAHL, 2009. p.7.) Grifo nosso.

O filme Cidade Cinza, retrata bem esse tipo de julgamento, durante uma das cenas, um funcionário da prefeitura de São Paulo, olha um grafite no muro, e pergunta, “Você acha que isso é arte?” E quando um rapaz (também responsável por apagar os grafites) diz: “Tem uns que são bonitos, aí a gente não apaga não. A gente apaga os feios mesmo.”

Mas porque essa fala tem mais importância do que parece? Por que, podemos ver que **algo** para aquele funcionário, foi considerado bonito. E, é aí que reside todas as questões que serão pontuadas a partir de agora. Apesar de ainda não ser bem vista, a *street art* e os grafites tem sua representação na paisagem, e que podem sim, mudar a percepção estética dos transeuntes e da cidade como um todo. O grafite possui diferentes intuitos, e ao mesmo tempo são todos muito complementares entre si, como será explicado com algumas linhas dentro da arte urbana. Começando com o que este trabalho pretende mostrar, sobre o principal aspecto que difere a *street art* e o grafite da pichação.

#### 3.1 Via estética;

Dentro do universo da arte de rua existem os mais variados estilos, e, para alguns artistas, os estilos são o que tornam seus trabalhos únicos e reconhecidos internacionalmente. Vimos que o *hip-hop* foi muito influente na forma das letras, das maneiras de grafitar, mas, pouco a pouco, a arte urbana se estabeleceu criando sua própria forma de diálogo.

Alguns acreditam que até a pichação deva ser vista como arte, mesmo sem essa prática ter uma preocupação estética. Mas se tratando de grafite e *street art*, essa consideração é uma

das diferenças mais significativas. “A visualização de um lugar, qualquer composição feita pelo artista, atribui àquilo que é representado um valor de verdade que o texto não oferece: as palavras podem mentir; a imagem, por seu lado, parece fixar o que existe.” (CAUQUELIN, 2007, p.93).

As interações com a arquitetura é um dos aspectos explorados pelos artistas de rua, pois aqueles lugares, antes “vazios e sem vida”, já estão “dados”, e agora, parte dele, do artista, o desafio de perpetuar algo que possa ser visto durante anos, ou durante alguns dias (considerando o quão efêmero pode ser uma construção numa cidade em constante mudança). Ainda assim, os espaços nas paredes são muito respeitados pelos artistas entre si. Raramente eles grafitam ou pintam sobre uma parede já pintada, pois naquele lugar já foi “preenchida” a arte “embelezando” o lugar, ali já tem a “presença” de outro artista. Como explicita Silva-e-Silva (2011), quando fala do respeito de outros artistas pelas obras de Gentileza<sup>5</sup>.

Um lugar frio, sujo com mendigos e prédios abandonados, mas que foi tomado pelas obras deste artista, e por muitos outros interventores urbanos que respeitam o espaço onde as inscrições de Gentileza estão por tantos anos, e, portanto, poucos pintam os pilares do viaduto, mas enchem os muros e edificações as margens da via numa manifestação que pretende, dentre outras coisas, diminuir o impacto que pode ser causado por esse tipo de paisagem cinza e escura. (SILVA-E-SILVA, 2011.p.31.).

A transformação estética das cidades por meio dos desenhos e de suas interações é uma das características principais da arte urbana, porque é de fato, algo que foge dos “padrões”. Nina Pandolfo, grafiteira, diz em Cidade Cinza “É uma arma muito forte, porque ela trabalha com a imagem, é uma linguagem direta, você não tem que parar pra ler. Você não tem que parar para escutar, você viu, já entrou na sua mente inconscientemente a mensagem vai entrar”. Para Silva-e-Silva (2011) a quantidade de grafites na rua é extremamente relevante, primeiro por que através da frequência dos desenhos que o artista é reconhecido, e segundo por que quanto maior for a amplitude, mais modificação na paisagem urbana.

A escolha do nome Cidade Cinza ao filme de Marcelo Mesquita e Guilherme Valiengo, não só faz alusão à cor utilizada pela Prefeitura de São Paulo para apagar os grafites, mas traz também claramente a questão de como uma cidade sem cor, sem preocupação estética, torna-

---

<sup>5</sup> José Datrino, que costumava assinar como Gentileza, escritor urbano do Rio de Janeiro, que contribuiu para o reconhecimento da arte de rua durante as décadas de 60 a 90.

se padronizada e sem chance de interação externa, como essa falta liberdade criativa anula cada vez mais o potencial dos artistas para com a cidade.

(...) A arte resiste e promove estímulos estéticos que vivenciam o belo e expõe, por seus inúmeros veículos, as emoções conscientes ou não do artista que a fez, assim, por tais características, é possível afirmar que atrai instintivamente o homem, instigando-o a olhar pro seu EU, ou pelo menos em alguns casos o homem propicia mais claramente que sejam vistos, intuídos e percebidos os diferentes papéis que desempenha na sociedade. (SILVA- E-SILVA, 2011, p. 45).

No documentário *Contra a Parede*, o grafiteiro “João 094”, explica o porquê do seu nome de uma forma que contempla a preocupação artística e estética:

“(...) o 0 é o O o 9 é P e o 4 é A, (...) mas o “OPA,” significa Opinião Pública Artística, eu tenho uma coisa, que eu não tirei foto de nenhum grafite meu, eu mais recebi fotos do que isso, então eu entendo que isso é a opinião pública, a pessoa gostou entendeu? Eu deixo a arte pro telespectador mesmo, é a essência do grafite as pessoas verem o que você faz. “Cê” tá fazendo pra fora da casa, tá fazendo um quadro, pra por dentro da casa.”

Segundo Stahl (2009): “Para a street art, como seu próprio nome indica, o lugar é uma categoria determinante. Ao contrário da arte que se faz nas paredes de *atelier* particular, street art está presente no âmbito público, ao qual toda gente tem acesso”. (2009, p.17).

Mas não só cidade pode ser contemplada com a arte humana, para Cauquelin (2009), a nossa visão é composta de muitas “dobras”, e cada forma de enxergar algo é único e ao mesmo tempo, cheio de significado. Segundo a autora, “É preciso ver, ver diante de si, ver o que é “dado” à distância. Vê-lo como um todo e relacionar esse todo com a natureza.”. (2007, p.87).

Algumas interações da *street art* já fazem essa relação, já se “aproveitam” da estética “dada” pelo natural, como plantas e arbustos, e assim compõe a paisagem, numa relação de arte-natureza e vice-versa, onde sem um dos elementos, a mensagem torna-se metade, sem significado. Aproveitando-se da estética da natureza que compõe a cidade para realizar trabalhos sobrepostos.

Como podemos ver a seguir nas imagens, da esquerda para direita, uma realizada pelo artista inglês Banksy e a outra pelo artista francês Nuxuno Xän.



Para Rancière (2009)<sup>7</sup>, o regime estético das artes não começou com decisões de ruptura artística. Começou com as decisões de reinterpretação daquilo que a arte faz ou daquilo que a faz ser arte.

Sendo assim, a manifestação artística na rua e na natureza não só constitui relações e influencia na forma como a vemos, como também na forma que *nos* vemos, inseridos naquele lugar, bairro, paisagem, enfim, na nossa sociedade.

### 3.2 *O contexto cultural / identitário;*

A palavra cultura engloba muitos significados. Com sua origem na palavra *colere* do latim de cultivar, ela foi se adaptando até chegar ao termo que conhecemos hoje em dia, que é o que pretendemos abordar esse tópico. Segundo Laraia (2009), esse conceito de cultura, como é utilizado atualmente foi definido pela primeira vez por Edward Taylor. “Em 1871, Taylor definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje. (2009, p.28)”.

No início da prática das pichações e dos grafites, a ideia era “marcar” território, como simplifica Stahl (2009), a beleza não era o objetivo, mas sim sua recompensa. Com o passar dos anos, essa forma artística foi ganhando notoriedade, mas como uma manifestação criativa e cultural. “Os escritores de grafite não vêm a público defender a relevância legal ou o valor

<sup>6</sup> Fotos disponíveis em: <http://www.boredpanda.com/street-art-interacting-with-nature>

<sup>7</sup> RANCIÈRE, Jacques. A Partilha do Sensível. p 36. 2009.

social de sua prática; não se defendem uma justificativa para o seu gesto além de uma busca de autoexpressão da identidade individual.” Exemplifica Ventura (2012).

A arte de rua está imersa na criação, e assim se torna uma forma de representação e identidade coletiva. O grafiteiro “Ise” (Claudio Duarte) desabafa no filme Cidade Cinza: “*Meu, a gente já é muito pobre de cultura pra apagar a cultura que tem na rua.*”.

Os desenhos fazem parte dessa construção social, assim como fizeram no começo da prática (os grafites como forma de protesto, e nesse caso também pichações). Muitos artistas querem passar com os seus desenhos a ideia de “eu quero estar presente”, “eu consegui deixar minha marca ali” e isso representa muito essa necessidade de comunicação, inserção e reconhecimento do seu lugar dentro da cidade.

Para o artista urbano, estar presente, fazer parte da paisagem é uma forma de identificação. As pinturas transformam a construção de uma tela de arte “externa” como se fosse um museu aberto, onde se pode fazer parte e saber que ele foi protagonista daquela obra, e que será admirada por outras pessoas e também por outros artistas como ele, construindo assim essa relação arte-cidade.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é “algo natural”, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. (SANTOS, 2006. p.45)

Dentre de muitos exemplos de como os artistas podem transmitir a ideia de identidade, e pertencimento por meio de suas obras, podemos explicitar o trabalho de Tainá Lima, a grafiteira conhecida como Criola. Atua principalmente na cidade de Belo Horizonte e tem como intuito, transmitir nos seus grafites a história da mulher negra e sua ancestralidade dentro da sociedade brasileira.

“Meu objetivo enquanto mulher negra e grafiteira é contrapor a publicidade que explora um padrão de beleza europeu e não retrata a realidade da miscigenação do nosso povo brasileiro. Desejo honrar através dessa arte aqueles que um dia tiveram sua liberdade cerceada em razão da cor e acredito que é graças a eles que estou aqui hoje” (...) “O grafite que eu faço apresenta formas e cores que apesar de serem inofensivas à primeira vista,

carregam gritos de resistência que ecoam desde à época da escravidão”  
Afirma a artista.<sup>8</sup>



9

Além disso, os artistas construíram suas próprias formas de interação, como o termo *crew*, de “equipe”, ou seja, de alguma forma deixa-se claro que há um grupo ao qual eles pertencem, e que se ajudam mutuamente. Inclusive, o estilo do desenho, as *tags*, também são referências de reconhecimento de cada grupo, e artista. Há também suas linguagens próprias, como gírias, e formas de expressão ao se comunicarem entre si. O que reforça a ideia de pertencimento, da necessidade de identidade dentro desses grupos, estabelecendo assim formas de não se “dissolver”.

(...) A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2014, p.11).

Mas, exatamente por ainda ser algo que geralmente não é permitido ou não tão bem aceito, mesmo com permissão legal, esse conceito de arte e cultura das ruas ainda sofre repressão. Para Laraia (2009), fomos condicionados a ver com depreciação o que não é inerente à nossa forma de comportamento.

“Nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir de depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões da maioria da

<sup>8</sup> Entrevista disponível em <http://www.namu.com.br/materias/grafite-valoriza-mulher-brasileira>

<sup>9</sup> Pintura feita por Criola. Foto disponível em <http://www.conexao cultural.org/blog/2014/11/criola-do-preconceito-a-arte-urbana/>



comunidade. Por isso descriminamos o comportamento desviante.” (2009, p.67).

Ironicamente, a não-aceitação é um dos combustíveis para a continuação e propagação da arte de rua, pois, assim como no seu começo, ela vem como uma forma de enfrentamento, uma arte que não consegue ser silenciada. Sendo assim, de certa forma, é algo que estará sempre presente, e ao mesmo tempo, em constante mutação.

“Assim, em vez de falar de identidade com uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não só da plenitude da identidade que já está entre nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos por *outros*.” (HALL, 2014. p24).

Todavia, apesar dessas “censuras” e dos debates gerados sobre ser uma prática “legalizada” ou não, em nada impede sua execução, graças a sua característica desafiadora, é inegável dizer que o grafite e a *street art* vem ganhando espaço. Artistas que até então pintavam apenas no Brasil, hoje são convidados para pintarem no exterior, tem publicações, e seu espaço legitimado. Mesmo que essa ainda não seja a realidade de todos os grafiteiros, aos poucos já é possível ver, que há uma nova visão sobre a importância da arte de rua, e como ela pode influenciar o fazer cultural na região em que ela está.

### 3.3 Questão Educacional / Social;

Por ter seu início nas periferias, o grafite de certa forma ainda está marginalizado, excetuando-se os grandes nomes da área, muitos grafiteiros e artistas de rua começaram como pichadores. Com a ascensão do grafite e da *street art*, é possível observar uma mudança, muitos deles geralmente são jovens pobres e de baixa escolaridade. Proporcionar a esses jovens uma melhor perspectiva, é afasta-los do mundo da criminalidade tão corriqueira na realidade em que vivem.

Giu Beto EXP (grafiteiro), diz no documentário Contra a Parede:

“(…) Pras pessoas que gostam, tentar divulgar o grafite de uma forma positiva também, um exemplo é esse evento que a gente faz periodicamente, o coletivo Detona, que já é um coletivo, a gente já pode chamar de coletivo, porque já agregou pessoas, pra trabalharem com a gente também, pra serem parceiros, nessa caminhada. A gente tá trabalhando de uma forma mais social, mesmo, trabalho social o grafite esse lance de fazer um evento, tentar captar essa rapaziada, que ta pintando, que tá na rua, tá pichando ou fazendo grafite ou *throw-up*, que quer participar de evento, quer conhecer,(…) a gente faz esse evento pra tentar unificar e até mesmo expandir.”

Os Gêmeos (Gustavo e Otávio), dizem: “Tudo que a gente aprendeu, foi aqui, foi em São Paulo, foi na rua, e muitos outros grafiteiros também. E esse trabalho que foi valorizado fora do Brasil, foi coisas que a gente aprendeu aqui.”<sup>10</sup> A inserção dos jovens na sociedade por meio das práticas artísticas podem dar uma nova forma de ver o mundo, inclusive, por que muitos dos grafiteiros começaram com a pichação (uma prática mais marginalizada). Para Gitahy (2012) a pichação aparece como uma das formas mais suaves se dar vazão ao descontentamento e à falta de expectativas. (2012. p.24).

Dessa forma, é fácil perceber como a arte de rua pode ser uma forma de expressão para esses jovens dentro das escolas, por meio das aulas de artes. “A reivindicação à diferença cultural e identitária inscreve uma luta pela igualdade de recursos e valorização para uma determinada prática particular, que forma a identidade e a cultura social e a autorrelação e autoestima dos grupos envolvidos.” (VENTURA, 2012, p.263). Em alguns projetos, o grafiteiro oferece aos alunos, com dificuldade de aprendizado, um estímulo ao perceberem que eles também podem desenvolver suas próprias formas de expressão.

Marcelo Zuffo, coordenador pedagógico na EE Padre Anchieta, em São Paulo, e diz: “Apresentei a proposta à diretora e aos professores. Eles identificaram os alunos que precisariam frequentar as aulas e também os que se interessavam pela arte de rua. Por meio do Conselho Escolar, foi autorizada uma verba para a compra de tintas e, em outubro de 2011, começamos as intervenções. Primeiro, exploramos as possibilidades artísticas no muro da quadra, que era cinza e pedia um pouco de cor. Também pintamos algumas paredes internas e a caixa-d'água. A dinâmica era simples: antes da aula de reforço, enquanto os menores desenhavam com caneta imagens que poderiam ser grafites, os mais velhos pintavam o muro com sprays. A todo o momento, eu os lembrava da importância de melhorarem o rendimento nas disciplinas - do contrário, não poderiam frequentar as oficinas, já que esse era o combinado”<sup>11</sup>.

O grupo “OPNI” originalmente intitulado como “Objetos Pixadores Não Identificados”, (mas também já significou ‘Os Policiais Nos Incomodam’ e ‘Os Prezados Nada Importantes’) grafitam nas periferias, em busca da inclusão social, nesses lugares até então abandonados pelo poder público. Toddy, integrante do coletivo diz: “O grafite mudou nossas vidas. Direta ou indiretamente também incluímos as pessoas socialmente, porque o grafite faz esta

---

<sup>10</sup> Trecho do documentário “Cidade Cinza”.

<sup>11</sup> Matéria “Grafite Transformador” disponível em <http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/grafite-transformador-682321.shtml>

inclusão, através da troca de informações e expressões, numa total interação com a sociedade.”.

### 3.3.1 *Grafite e o feminismo*

Dentro das questões sociais, é impossível não citar como o grafite se tornou uma ferramenta de luta e empoderamento para mulheres que sofreram e/ou sofrem algum tipo de violência. Como podemos ver mais adiante, alguns projetos voltados para essas mulheres já começam a serem elaborados, e os resultados são cada vez mais animadores.

Nina Pandolfo, a MINHAU e a Sista Kátia, dentre outras mulheres, fazem do grafite não só um aprendizado para novos estilos de desenhos, mas também como uma ferramenta para a luta feminista. Mulheres que grafitam com a intenção de conscientizar a ideologia por meio das suas marcas nas ruas.

Sista Kátia, grafiteira Baiana, fundou o movimento Sistas Crew (2007), destinado a meninas grafiteiras com a ideia de promover encontros para além de grafitar, articular um processo de formação política: “A gente se juntou com uma rede de grafiteiras brasileiras que hoje nem existe mais, e fez o Encontro Nacional de Grafiteiras, que duraram quatro dias e juntou pelo menos 50 meninas em Salvador”.<sup>12</sup> Para Sista Kátia, o grafite ainda é a arte dos excluídos. Percebendo que o mundo do grafite excluía desenhos sobre mulheres, ela teve a ideia de formar um coletivo onde era possível questionar o padrão imposto, criando por meio do movimento Sistas Crew, um meio de melhor recepção dos desenhos realistas sobre mulheres. Kátia, que se aceita gorda, também faz seus desenhos para lutar contra a gordofobia, depois de muitos anos sofrendo *bullying* no colégio. “Se afirmar algo como “sou gorda” é um ato político. Isso incomoda, mas gera discussão, polêmica e espero que sirva para desconstruir padrões estéticos impostos socialmente” Conta a grafiteira.<sup>13</sup>

Mag Magrela, grafiteira paulista, também acredita na luta feminista por meio de seus desenhos, e costuma fazer grafites utilizando cores quentes de forma proposital, segundo ela, a cor é uma forma de protesto e identificação:

As personagens de Mag também são desenhadas em cores quentes, principalmente em laranja. A artista tenta expressar tudo o que a incomoda

---

<sup>12</sup> Matéria “Pintando pra quebrar” <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/03/pintando-pra-quebrar/>

<sup>13</sup> Entrevista disponível em <http://tributoaocaos.blogspot.com.br/2015/03/por-um-verao-com-menos-roupa-e-mais.html>

relacionado à sociedade. “Quando eu expresso o que sinto como mulher, a dor faz com que as mulheres se identifiquem com aquilo”, diz. Segundo ela, existem diferenças também na apreensão de homens e mulheres: “Elas acham maravilhoso; já os homens acham forte demais. Até se incomodam um pouco”. Conta Mag.<sup>14</sup>



15

Como será citado mais adiante, a Rede NAMI sediada no Rio de Janeiro, liderada por Panmela Castro que também já sofreu violência doméstica, foi uma das grandes precursoras dessa ideia. Hoje, a rede ajuda diversas mulheres a saírem de relações abusivas.

Em uma “missão” (gíria usada como sinônimo de sair para pichar) que Panmela conheceu o primeiro marido, ambos então com 20 anos. Em pouco tempo, uma nova faceta do parceiro se revelaria: a violenta. As brigas aconteciam por causa da execução dos serviços domésticos. “Ele queria que eu fosse uma dona de casa perfeita”. Panmela, que à época era professora e estudante, conta que suportava em silêncio “Ele me torturava debaixo do chuveiro frio, colocava fogo no spray de inseticida exigindo que eu cuidasse da casa.” (...) após uma semana de cárcere privado a grafiteira se aproveitou de um descuido do parceiro e ligou para irmã pedindo socorro.<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Matéria “Pintando pra quebrar” <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/03/pintando-pra-quebrar/>

<sup>15</sup> Da esquerda para direita: Artista: Sista Kátia (na foto): <http://tributoaocaos.blogspot.com.br/2015/03/por-um-verao-com-menos-roupa-e-mais.html> / Artista: Mag Magrela. Foto disponível em <http://streetartnyc.org/blog/2015/01/14/girls-on-walls-part-xv-david-cooper-cern-mag-magrella-caratoes-andre-treiner-and-dasic-fernandez/>

<sup>16</sup> Entrevista a Folha de São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2015/11/1706286-grafiteira-sai-do-suburbio-e-ganha-os-muros-do-mundo-com-arte-e-militancia.shtml>

Panmela que já tinha noção de desenho, foi então chamada por um amigo para grafitar, segundo ela, foi o grafite que levantou sua autoestima. Ganhou em 2007 o título de “destaque do grafite”; em 2009 a de “grafiteiro da década”; e em 2012 a grafiteira entrou para o rol das “150 mulheres que abalaram o mundo”, segundo a revista *Newsweek*. Graças a NAMI, cerca de 5.000 pessoas participaram das oficinas e 500 mulheres fazem parte da rede.

*That's why she started Rede Nami, a nonprofit graffiti art group for women. Through her organization, Castro supports other women in their art as well as their personal lives and relationships. "She has a whole system where she teaches them all about their rights—she teaches them about what domestic violence is, what they can do to stop it, and how to spread awareness," Rapson explained.<sup>17</sup>*

Outro caso de empoderamento por meio da arte de rua, foi o da Alexandra Fonseca, sendo atualmente conhecida como Mel Graffiti. Alexandra tinha um parceiro violento e abusivo, e por meio do grafite, conseguiu sua independência e qualidade de vida de volta. “O grafite mudou a minha vida. (...) Os homens acham que o grafite é masculino. *Êpa*: tem lugar para mulher também. O feminismo me despertou e me orientou. Eu aprendi a buscar os meus direitos.” Disse Mel à Folha de São Paulo.

Mas não só no Brasil a temática “feminismo e grafite”, vem tomando notoriedade, em outros países mulheres vem conquistando cada vez mais o universo da arte de rua. Um exemplo simbólico e corajoso surgiu com Shamsia Hassani e Malina Suliman, consideradas as duas primeiras grafiteiras do Afeganistão. Um país marcado por diversos conflitos violentos e uma constante perseguição à liberdade das mulheres. Shamsia e Malina pintam lugares devastados pela guerra, na esperança de levar a outras mulheres afegãs, o ideal de não se calarem diante de tantas injustiças. Shamsia mantém uma série chamada *Dream of Graffiti*, com todas as obras que gostaria de pintar no Afeganistão. Já Malina, que foi ameaçada pelos Talibã, inúmeras vezes esteve exilada na Índia. Voltou para o Afeganistão para continuar seu trabalho pelas ruas de Kandahar, (uma das cidades mais perigosas do país), espalhando mensagens políticas.

---

<sup>17</sup> É por isso que ela começou a Rede Nami, um grupo sem fins lucrativos sobre a arte do grafite para mulheres. Através de sua organização, Castro apoia outras mulheres em sua arte, assim como na sua vida pessoal e nos relacionamentos. "Ela tem todo um sistema onde ela ensina tudo sobre os seus direitos, ela ensina sobre o que é a violência doméstica, o que elas podem fazer para dar um basta nessa situação, e como disseminar essa consciência." explicou Raphson. (Tradução nossa).

### 3.4 O campo político;

Esse é um dos principais campos do grafite e da *street art* como um todo, pois teve seu começo como uma forma de protesto, e até hoje, é possível ver que essa ideia ainda não morreu.

A pichação foi precursora nesse campo, os jovens iam às ruas e pichavam seu descontentamento. Não havia preocupação com a forma das letras, os sprays vinham como um grito na cidade, principalmente na época da ditadura no Brasil. E hoje, ainda trazem à tona todas as frustrações que eles ainda sentem em relação ao Estado.

“(…) Ivan Sudbreck que ficou conhecido como aqueles das caras redondas, sempre muito bem resolvidas plasticamente, que costumavam aparecer no buraco da Avenida Paulista. Além da assinatura e do telefone, Ivan se permitia escrever “Associação Paulista de Graffiti e Pichação” (...) dizia ele que costumava receber em sua casa, numa mesma casa tarde, cerca de trinta, até quarenta adolescentes, todos pichadores. Convictos e organizados, vinham com varias ideias, mas basicamente um mesmo objetivo: o de continuar a guerra. Mas que guerra seria essa? Ivan dizia entusiasmado: “A arte sempre será o reflexo social de um povo” No nosso caso, no Brasil, reflexo de um povo oprimido. Que sofre desrespeito em seus direitos humanos, falta de trabalho e habitação, saúde, educação, segurança, lazer, etc.” (GITAHY, 1999. P.23)

Com o passar do tempo, a pichação e o grafite foram mudando esteticamente, mas ainda se mantém como algo que precisa ser encarado, e lido, ou seja, que ainda possui o cunho de incomodar, de instigar a visão dos cidadãos, mostrando seu protesto em forma de desenhos. Os Gêmeos (Otávio e Gustavo) em Cidade Cinza dizem:

“(…) São Paulo é uma selva de concreto, prédio, prédio, prédio, quanto mais se constrói mais prédio, menos árvore, menos parque, mais prédio, prédio, prédio...pra mim tão meio que construindo um muro assim, sabe? Em volta, “cê” tem que escapar, de alguma forma você tem que fugir disso, então faz parte disso, que é a historia do grafite da pichação, “cê” faz parte da parada.”

Apesar da “melhor aceitação” que o grafite tem hoje em dia, ainda que não seja permitido legalmente na maioria dos casos, ele e as outras formas de *street art*, como estêncil, colagem, lambe-lambe, continuam disseminando-se com a ideia de desafiar o poder público. Para Stahl (2009), existem duas razões fundamentais pelas quais se relaciona *street art* com a política; a primeira, é porque onde a arte se desenvolve, é acessível a todo público, e a segunda, porque o meio de expressão de que se serve, não é controlado pelo Estado. Logo, ela repudia qualquer tipo de repressão ou enquadramento.

Um dos grafiteiros mais conhecidos do mundo por seus desenhos cheios de ironias, no que se refere à política e sociedade em geral é o Banksy. Embora ele não use sempre elementos do grafite (ele usa muito stencil e tinta, pode-se categoriza-lo com street art.), que ninguém sabe ao certo quem é o artista inglês, alguns acreditam ser um coletivo. Ele (ou eles) tem seus desenhos reconhecidos no mundo todo, muitos deles de cunho irônico e provocante. E, em Londres já virou roteiro turístico visitar os muros pintados pelo (ou pelos) artista (s).

Mas, não só no exterior temos esse tipo de representação. Focando este trabalho em artistas brasileiros, podemos ver que esse tipo de protesto também é comum nas capitais das nossas cidades:



18

Para Githay (1999), o grafite busca dialogar com a cidade, e sendo assim, é inegável dizer que a pichação ainda mantém com o cunho de protesto, pela forma em que se é feita: pela falta de preocupação estética, e por continuar a se manter “marginalizada” intencionalmente. Mas isso não esgota o potencial que o grafite e a *street art* mantém para chegar às pessoas.

A arte de rua é uma forma de enfrentamento usada por uma minoria. Um instrumento contracultural, que num momento ataca de forma direta, com críticas claras e objetivas as mais variadas esferas do poder, a exemplo da esfera econômica, social ou política (...). O graffiti é uma pratica discursiva que quebra a hegemonia das elites no controle do imaginário social, impondo uma rara exceção a regar de dominação dos símbolos. (SILVA-E-SILVA, 2011, p.61).

Portanto, o grafite vem não só como uma representação coletiva, mas também como uma crítica, uma quebra de paradigmas da estrutura da cidade, da não aceitação das injustiças

<sup>18</sup> Da esquerda pra direita, dois artistas paulistas: Artista “Cranio” Foto disponível em <http://www.cavalera.com.br/blog/tag/street-art/>. Artistas “Os Gêmeos” Foto disponível em <http://devorador-d6-pecado.blogspot.com.br/2013/05/desrespeito-aos-artistas-osgemeos.html>

sociais, como uma de forma de se expressar, usando os muros como suporte das metrópoles para desabafos, declarações e protestos.

### 3.5 *A dimensão Econômica;*

Com o passar dos anos, podemos ver o que grafite começa a se tornar rentável não só para o artista, como também para a cidade em que ele vive ou atua, aquecendo a economia local. Um exemplo, foi o segundo encontro de Graffiti CIC, realizado em João Pessoa na Paraíba, nos dias 15,16 e 17 de maio de 2015. Uma feira com produtos dos artistas e mutirão de grafite foram algumas das atrações. O evento teve patrocínio da Petrobrás e teve como principal objetivo, debater sobre a arte de rua, o empreendedorismo e a economia criativa.

São Paulo também é um exemplo de cidade que vem ganhando notoriedade por ser conhecida como a capital mundial do grafite. E isso atrai não só mais artistas e admiradores, como turistas movimentando a economia local.

A cidade de São Paulo apresenta a maior popularização e reconhecimento da cultura do grafite no Brasil e no mundo. A literatura internacional vem destacando o grafite paulista como referencia plástica e cultural do movimento grafite (Manco: 2005). O apelo estético não existia no grafite de Nova Iorque e de Berlim. O grafite como arte é uma característica que se destacou em São Paulo. O uso de cores, imagens figurativas, narrativas, personagens da cultura popular brasileira, formas orgânicas remetendo a natureza, cenas urbanas e imagens surrealistas caracterizam o grafite paulista e brasileiro. (VENTURA, p.10).

Os eventos na capital paulistana não param de crescer e agregar mais público, já na sua 3ª edição, a Bienal do graffiti realizado no Parque Ibirapuera, trouxe artistas de vários lugares e seus trabalhos ficam expostos para o público. A cidade abrigou também a 14ª edição da Graffiti Fine Art, um projeto com curadoria do artista Binho Ribeiro, que expõe grafites no Museu Brasileiro da Escultura (MuBE) na Avenida Cruzeiro do Sul, na zona norte da capital.

Em 2011, um grupo de 58 artistas fizeram 66 painéis, criando o primeiro Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo (MAAU), que também já faz parte da rota de turistas, assim como o Beco do Batman (Rua Gonçalo Afonso) na Vila Madalena. O sucesso é tão grande, que já foi lançado um Guia Bilíngue com as obras de grafite, que se pode conhecer por toda a cidade. Além dos eventos, foi lançado o livro *Graffiti em São Paulo*, realizado pelo consultor financeiro Ricardo Czapski, e a produtora cultural Marina Gonzalez. O acervo nasceu de mais de dez mil fotos que Czapski tirou por cinco anos, de muros grafitados.



De acordo com o Jornal O Estadão, a indústria criativa movimentou 110 bilhões de reais no Brasil. E o grafite estaria dentro dessa indústria, pois graças a ela, alguns artistas conseguem se consolidar e divulgar sua arte. Em entrevista com o artista Kobra, um dos mais conhecidos de São Paulo, ele conta como a indústria criativa mudou sua vida financeiramente:

Depois de trabalhar com o pai em uma tapeçaria, como office – boy em uma agência de publicidade e estagiar num banco. Eduardo Kobra viu que gostava mesmo de era de pintar. Para desgosto dos pais, abandonou todas as alternativas de carreiras antes testadas, para grafitar. O início não rendeu dinheiro nem para pagar o aluguel, mas hoje, sua arte está espalhada pelo mundo e algumas de suas telas chegam a valer 40 mil (...) Kobra é um exemplo que soube transformar a criatividade em negócio e ajuda a movimentar a indústria desse tipo no país, um núcleo formado por 243 mil empresas e que sustenta um Produto Interno Bruto (PIB) equivalente a R\$ 110 bilhões – ou 2,7% do total produzido no Brasil. Segundo dados de 2011 levantados pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) (...).<sup>19</sup>

Outro exemplo de sucesso é o grafiteiro Mundano, vencedor do prêmio Brasil Criativo, que reconheceu iniciativas de 22 empresas dentro dos setores da economia criativa. O projeto de Mundano: “Pimp My Carroça,” foi o vencedor na categoria artes visuais, que consistia em “reformular” com grafites, e itens de segurança, as carroças de catadores de entulho de São Paulo. O projeto já realizou ações com mais de 170 catadores em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba.

“Depois de muitas conversas com catadores, eu aprendi que não existe lixo, aprendi muita coisa, comecei a enxergar a cidade de uma outra ótica, e comecei a pintar em vez de muros, comecei a pintar carroças. E pra tirar eles da invisibilidade nada mais fácil que colorir as carroças. Comecei a pintar desenfreadamente com uma meta de 100 carroças em São Paulo. E aí eu vi que na verdade só pintar não adiantava nada, eu tinha que escrever frases, eu tinha que dar voz pra essa categoria, que em São Paulo corresponde a 20 mil catadores, que reciclam 80% do lixo de São Paulo. (...) e o trabalho dele é honesto mas é marginalizado, como o grafite, por isso que esse casamento de andar na rua foi perfeito. E a arte circula.”<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Jornal O Estadão. Entrevista de 29 de outubro de 2014 – Disponível em: <http://pme.estadao.com.br/noticias/noticias,grafite--design--artesanato-industria-criativa-movimentada-r-110-bilhoes-no-brasil,4995,0.htm>

<sup>20</sup> Trecho da palestra: Arte como instrumento de revolução social: Mundano at TEDxVer-o-Peso. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CXwstjBc2sw>



21

Mas não só São Paulo vem crescendo com esse mercado de arte urbana, O Rio de Janeiro como veremos mais adiante, também vem se destacando com novos artistas. Alguns pontos da cidade já são reconhecidos pela arte inserida nas ruas. Eventos realizados na cidade como Flesh Beck Grill e o a Arte Core no MAM (Museu de Arte Moderna) são provas de que a arte urbana vem fidelizando público, se incorporando à moda e a economia por meio de parcerias com grandes patrocinadores, ou com lojas em que usam os desenhos como estampas de seus produtos. Um exemplo é o artista Marcelo Eco, que já fez parcerias com marcas como Puma, Nike e Gatorade. E recentemente, estampou um de seus desenhos na coleção Grafite, criada pela Cícero Papelaria, juntos com outros grafiteiros para homenagear o dia do grafite.

No intuito de mostrar como a arte de rua para muitos, é um trabalho rentável, foram feitas duas entrevistas durante o mês de agosto de 2015, com dois grafiteiros hoje renomados e conhecidos principalmente no Rio de Janeiro. São eles: TOZ (Tomaz Viana), ANARKIA BOLADONA (Panmela Castro). Na tentativa de entender como grafite atualmente está incorporado à vida de cada um, e como eles se mantem com a arte urbana, integrando a arte de rua à produção cultural.

Assim, dividimos a entrevista em duas partes, sendo a primeira apresentada a seguir:

### 3.5.1 Entrevistas – Parte I

#### **Entrevista TOZ:**

<sup>21</sup> Da esquerda para direita: Carroças grafitadas por Mundano no projeto “Pimp my carroça”. Fotos disponíveis em <http://pulselibre.com.br/blog/2012/07/20/pimp-my-carroca-deixando-a-cidade-mais-colorida/> e <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/coletivo-se-mobiliza-contra-apreensao-de-carrocas-no-centro-de-sp/>

*Luiza Pion - Como você vê o mercado do grafite e/ou street art hoje em dia? As demandas para os trabalhos têm sido mais nacionais ou internacionais?*

TOZ: “O mercado cresceu no mundo todo, hoje em dia podemos ver artistas oriundos do grafite em varias áreas de atuação, aumentou a procura por essa cultura e fortaleceu o mercado que antes era só de quem fazia grafite, no Brasil temos um nível alto de qualidade de artistas, isso faz com que muitos trabalhem fora, seja pintando grandes painéis e participando de eventos ou vendendo telas e fazendo exposições, para mim o mercado nacional consome bem minha produção, mas a três anos tenho feito trabalhos fora, acho que é uma questão natural e evolutiva, sinto que nós brasileiros temos a maior vantagem que nenhum outro lugar tem, o apoio completo do público e das autoridades em grande maioria, no Brasil o grafite salva e colore, na Europa existe uma guerra contra, então os artistas brasileiros desenvolvem bem mais rápido o lado artístico.”

*Luiza Pion- Como você se mantém com a arte de rua? (há dificuldades?)*

TOZ: “Dificuldade sempre vai existir, porque eu estou sempre querendo coisas maiores e mais elaboradas, no começo eram outras dificuldades, ninguém conhecia nada, nem mesmo a gente sabia o que tava fazendo direito, era mais inocente como tudo, hoje em dia a briga é para ocupar os espaços culturais, ter os mesmos direitos de um artista que sai de uma universidade, ainda vejo muito preconceito, mas faz parte, e me motiva esse clichê da historia da arte em que movimentos questionados são reconhecidos com o tempo, tudo é muito novo, eu conheço representantes da primeira geração de Nova Iorque, ele começou em 1976 então somos novos e temos muito tempo para provar e se divertir.”

### **Entrevista ANARKIA BOLADONA:**

*Luiza Pion - Como você vê o mercado do grafite e/ou street art hoje em dia? As demandas para os trabalhos têm sido mais nacionais ou internacionais?*

ANARKIA: “Esse ano tem sido mais internacional, fora do país porque com a crise, as pessoas não têm investido muito em arte, mas, por exemplo, ano passado foi um ano ótimo, por causa da copa, toda a movimentação que aconteceu. Eu acho que de uma forma geral, é muito difícil trabalhar com grafite, da mesma forma que é difícil trabalhar com arte, qualquer tipo de arte, no país. Por que o país não tem uma tradição de investimento nessa área, e povo também não tem muito dinheiro pra comprar ingresso, gastar dinheiro com isso, a gente gasta

mais com o essencial. Então, é uma cultura que tem que ser desenvolvida ainda. Eu consigo trabalhar bem e viver de grafite por que consegui criar uma estrutura pra isso. Então aqui nessa casa<sup>22</sup>, eu tenho o que eu chamo de um grupo né, com duas empresas, uma empresa sem fins lucrativos e uma empresa com fins lucrativos. Com fins lucrativos, é Panmela Castro Arte e Cultura, então a gente faz mural, a gente faz oficina, mas a gente principalmente vende obra de arte, a gente vende serviço né, um *live painting*, ações ligadas a esse universo da pintura de rua, então a gente consegue fazer dinheiro a partir disso.

E a sem fins lucrativos, é uma ONG, então a gente pega o dinheiro que a gente consegue com a empresa e investe em ações filantrópicas para fazer a mudança que é, onde começa o trabalho feminista, de direito das mulheres. Então aqui, é tipo uma empresa social, é o esquema que a gente conseguiu. Então, por que eu acho que a gente consegue se manter? Porque a gente criou uma estrutura e métodos pra poder trabalhar, então eu tenho uma equipe, cada um é responsável por alguma coisa, eu tenho a área de comunicação, eu tenho a área de produção, eu tenho a área de vendas, eu tenho toda uma comunicação montada, peças, PDF, distribuição de serviço, tudo pro cliente ver como ele pode trabalhar com a gente, a gente faz sempre exposições, onde a gente vende bastantes trabalhos e então eu acho que por a gente ter alcançado esse nível mais profissional, a gente consegue se manter, por que as empresas dão preferências pro trabalho conosco.”

*Luiza Pion- Como você se mantém com a arte de rua? (há dificuldades?)*

ANARKIA: “ O problema é que como eu vim do subúrbio, de uma família que não tinha muito dinheiro, eu nunca tive dinheiro pra investir no início de tudo. Por que isso tudo aqui é uma estrutura, a gente comprou uma casa, essa casa aqui é própria, tem o pagamento das meninas, hoje em dia a gente tem o estoque lotado de tinta, que a gente até usa... Chama o pessoal pra pintar porque fica com medo da tinta estragar, então toda essa estrutura, veio a partir de um investimento, e esse investimento eu nunca conseguiria sozinha, então eu tive pessoas que acreditaram nesse trabalho, e colocaram dinheiro pra gente poder começar.

Então acho que a dificuldade inicial é isso, você conseguiu se estruturar, e até relacionado a conhecimento mesmo, hoje, por exemplo, eu sou apoiada por uma organização chamada *Womanity*, que é uma organização da Suíça, que apoia o trabalho de algumas mulheres, elas confiam que apoiando essas mulheres, elas vão conseguir multiplicar pra

---

<sup>22</sup> A entrevista foi na ONG Rede NAMI.

outras mulheres, então eles investem em consultorias, aí vem gente ver como a gente tá trabalhando, criando métodos.”.

Logo, pode-se dizer que a arte de rua vem ganhando (mesmo que lentamente), espaço e reconhecimento como um fazer criativo, a indústria criativa contempla esses artistas que hoje conseguem desenvolver e se sustentar por meio da arte urbana.

### CAPÍTULO III

#### 4. Entre - espaços : Grafite - Pichação:

Muito se debate sobre o que seria grafite e o que seria pichação, embora não sejam formas de representação estanques, os dois além de se diferenciarem pelo estilo, também se diferenciam pelo intuito. Embora os dois façam o uso de spray, o grafite e a *street art* usam outras ferramentas para o desenho, como tintas de parede, rolinhos, pincéis e diferentes tamanhos de “bicos” de spray o que dá mais possibilidade de profundidade e sombreamento ao desenho. Enquanto na pichação geralmente é apenas usado o spray para uma escrita rápida sem grande preocupação com a cor usada, por exemplo.

Uma característica marcante é a não-comunicação, a pichação não se preocupa em passar claramente o que está escrito, muitas vezes apenas os próprios pichadores e seus membros entendem suas formas de escrever e *tagear*, com uma marca cifrada de caráter egóico, e por muitos outros fatores além da incompreensão do público, se mantém marginalizada.

Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sógnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pixação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. (CARVALHO, 2013).

Esses grupos são compostos por garotos, jovens de regiões periféricas, e pertencentes a equipes feitas entre si para pichar. Muitos deles abandonam os estudos, ou tem poucas condições de seguirem estudando, logo, a vida nas ruas ganha mais representatividade para esses rapazes, vendo na pichação, uma forma de manter contato com outros jovens, além de uma forma de distração. A pichação, vem se mantendo fortemente como uma forma de enfrentamento, e ao mesmo tempo, como “escape,” para questões inerentes a esse grupo. Ceará (2008), em sua análise psicossocial realizada na cidade de Campinas - São Paulo aponta:

“O presente estudo investigou uma população jovem, de baixo poder aquisitivo e com um nível de escolaridade também abaixo do que era esperado para a faixa etária. Um número elevado (13: 41%) havia interrompido seus estudos. Das interrupções, todas foram realizadas no ensino fundamental, indicando um afastamento precoce da escola, seja por condutas delinquentes ou por limitações socioeconômicas. (...) São adolescentes moradores de zonas periféricas de grandes e médios centros urbanos, núcleos comerciais e industriais. Vivem numa discrepante situação socioeconômica, evidenciando-se um marcante contraste entre os recursos

tecnológico/mercadológicos de suas cidades (região de indústrias de média e alta tecnologia) e suas condições concretas de vida.<sup>23</sup>

Embora esses jovens atuem pichando as cidades sem possuir a *priori*, um caráter preocupado com o estético, é possível afirmar que assim como o grafite, a pichação também tem um passado histórico. Analisando o desenvolvimento das letras, algumas parecem ser inspiradas em antigos alfabetos, como os rúnicos anglo-saxões. Outras foram criações próprias ou inspirações em diversas outras fontes. Segundo “Choque”, fotógrafo no documentário PIXO, a inspiração para a pichação de São Paulo, veio com as letras das bandas de heavy metal nos anos 80, que por sua vez, tiveram como inspiração a escrita rúnica.

Logo, é perceptível que, embora a pichação tenha se mantido até hoje como um ato de vandalismo, ela também é parte de um processo histórico, se mantém ainda fortemente em muitas cidades, e dialoga com seus criadores. Podemos ver a seguir, o quanto as escritas antigas são parecidas com as formas de pichação, muito comuns na cidade de São Paulo:

24



<sup>23</sup> Pesquisa realizada no trabalho: Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. CEARÁ, Alexandre de Toledo. 2008.

<sup>24</sup> Da esquerda para direita: Pichações em São Paulo. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/choquephotos/sets/72157607397735248/> Escrita Rúnica. Disponível em <http://celticvikings.blogspot.com.br/2015/05/runas.html>

Ainda analisando as formas de escrever e *tagear* na pichação, vale ressaltar, que a escrita acima é muito predominante na capital paulista, praticamente única. No Rio de Janeiro em algumas pichações, as letras são mais fluidas e arredondadas, e em outras as letras são menores e mais contornadas. Mas seguindo essa escrita singular, é impossível não falar da artista carioca Joana César, ela não picha, não usa spray ou *colorjet*, a arte dela é feita com rolinhos de tinta, mas ela está mais próxima da pichação do que do grafite. Ela traz ao meio urbano mensagens indecifráveis, chamada de “A nova Gentileza” pela matéria do jornal O Globo, Joana inventou seu próprio alfabeto. E hoje escreve (segundo ela), intimidades sem ser descoberta graças a sua própria escrita, deixando que os transeuntes tentem decifra-la.



25

Assim como os pichadores, ela adora pintar em lugares bem altos e aparentemente impossíveis, mostrando a superação feminina em um meio essencialmente masculino. Diferentemente dos grafiteiros, não procura grandes blocos, quadrados ou retangulares, mas sim linhas, o que a faz, muitas vezes, escrever acima do bloco de grafites e pichações. Joana, enfim, tem algo a dizer, mesmo que de forma quase criptografada.<sup>26</sup>

A pichação vem como uma maneira de “marcar” a cidade, geralmente os pichadores fazem suas iniciais (sejam de seus nomes ou pseudônimos) de uma forma única, no entanto, padronizada, pois quase sempre é o único “desenho” repetido várias vezes. Além disso, eles prezam mais pela marcação de território, com a “regra” de quanto mais difícil for o lugar de se chegar, maior o “status” que o pichador tem entre seu grupo. Ceará(2008), notou em seu estudo, que as motivações para a escolha dos locais pichados indica a valorização dos prédios mais altos, os edifícios públicos (que eventualmente saem nos jornais quando pichados), os trens etc. Eles proporcionam o que esses jovens chamam de *ibope*, ou seja, tornar-se conhecido, visível, através da pichação. (2008).

<sup>25</sup> Artista: Joana Cesar. Perimetral, Centro do Rio de Janeiro. Foto disponível em: <http://revistausina.com/2014/08/16/entrevista-com-joana-cesar/>

<sup>26</sup> Matéria do Jornal O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/artista-plastica-joana-cesar-espalha-mensagens-cifradas-pelos-bairros-pela-cidade-10046807#ixzz3wPO7AFLB>



O pichador prefere escrever seu nome ou apelido em lugares vigiados, monumentos públicos ou locais de difícil acesso para chamar a atenção sobre sua existência. Ele usa uma tipografia só entendida pelos seus pares, normalmente provem de classes sociais marginalizadas, suas mensagens têm conteúdo anárquico e pouca elaboração, exceto pelo desenvolvimento de alfabetos estilizados. A pichação parece brotar da parede, visto que é raro presenciar o ato de sua produção. Isso por que seu caráter é de contestação e clandestinidade. (TAVARES, 2008, p.135).

O grafite vem com o intuito de passar alguma mensagem, e quase sempre é feito em locais de fácil alcance, com muita visibilidade ou feito a luz do dia, numa tentativa de se separar da pichação e do seu cunho “vândalo”. Tornando-se então, um movimento de união, o grafite cria uma forma de representação de grupos que se sentem marginalizados, que querem protestar de alguma forma a algo imposto, ou simplesmente a trazer à cidade uma imagem de beleza e formas coloridas. Simplesmente para expressar a sua arte, utilizam os muros para refletir esse sentimento através dos seus desenhos (onde cada grafiteiro aprende a construir seus próprios traços e estilos).

Logo, a pichação e o grafite, tem inicialmente algo em comum, mas, tomam caminhos diferentes no que refere ao intuito perante a sociedade e a forma de fazer suas “regras”. Ao contrário do que podemos ver no grafite, os próprios pichadores tem *gangues* rivais, quando eles comentem um atropelo (nome dado quando um pichador picha por cima de outra pichação) os grupos brigam entre si.

Existem muitos motivos que levam os pichadores a desenharem ou escreverem com letras de seu próprio alfabeto, seja em local público ou privado. Um dos motivos que levam o sujeito a ser tachado como criminoso, é a demarcação de seu espaço ou a competição com outras *gangues*, não criminosos, como geralmente são vistos, mas como grupo que se organiza calcados em um ideal de liberdade de expressão, utiliza de sua arte para protestar. A outra vertente das ditas *gangues*, são as que se organizam como grupos de criminoso e delimitam sua área de atuação, e autodenominam-se donos daquele espaço. (BARBOSA, FERNANDES. 2014. p.382)

Mas, ainda se tratando do Rio de Janeiro, podemos observar que alguns artistas vêm dando à prática da pichação uma nova leitura. Também feita para incomodar e instigar, pichações escritas de uma maneira clara e repetitiva, vêm crescendo na cidade do Rio, seguem alguns exemplos de pichações que vêm desmistificando o cunho vândalo e inacessível da prática:



Como podemos ver, essa “nova pichação”, está crescendo no Rio de Janeiro, principalmente na zona sul da cidade, geralmente uma frase feita repetidas vezes como “amou hoje?” , “eu dei pra ele” e “tinta fresca” nos fazem indagar quem são essas pessoas, e o que elas querem dizer. Todas elas reforçam suas necessidades poéticas. A frase “tinta fresca”, por exemplo, é pichada várias vezes em diferentes caligrafias, que quase traduz: não toque, não mexa, a tinta está fresca. Outra que vêm crescendo bastante é a “não fui eu” sempre em letra cursiva, nos faz perguntar, o que será que ele ou ela, não fez.

A autora do “eu dei pra ele”, é uma das poucas pichadoras que foi possível conhecer, ver quem estava por detrás dessa pichação. A carioca Anitta Boa Vida, estudante de artes da UERJ, em entrevista ao Jornal O Globo, explicita o que pensa sobre pichar “eu dei pra ele,” nos muros cariocas, segundo ela: “Em tese não pode. Mas o grafite é liberado... O que é grafite e o que é picho? Porque é vandalismo não pode ser arte?”. Ela treinou caligrafia antes de pichar as ruas do Rio, e sua pichação já ocupa bairros como Botafogo, Ipanema, Centro e Glória. A frase “eu dei pra ele”, virou *hashtag* na rede social *instagram*, e embora tenha sido

<sup>27</sup> Da esquerda para a direita: “não fui eu” artista desconhecido. Disponível em

<http://instagify.com/user/thamy1901/1115318479>

“eu dei pra ele” artista: Anitta Boa Vida. <http://www.casseta.com.br/hubert/tag/eu-dei-pra-ele/>

“tinta fresca” artista desconhecido. Disponível em <http://artecomchocolaty.blogspot.com.br/2013/12/tinta-fresca.html>

pensado em *dar* no sentido denotativo, também traduz para cada um que interpreta, uma segunda conotação popular (*dar* = relação sexual), o que já deu à pichação um cunho feminista.

#### 4.1 *Pichação e o reconhecimento;*

Para Gitahy (1999), e alguns grafiteiros, existiria o “grapicho” que é o “meio termo” entre as duas práticas. É um assunto delicado, pois para alguns pichadores há um respeito entre as duas práticas, já para outros não é exatamente assim. Para esses, o grafite, virou algo “comercial” ou “domesticado”. De acordo com a visão de alguns pichadores, não é a falta de estética, ou imagens, que faz ser “menos arte”, para eles a pichação merece ter o mesmo reconhecimento porque ainda mantém a ideia de contestação muito forte e ainda está muito presente nos guetos, para alguns o grafite é arte de “*playboy*”. E a pichação mantém seu caráter de insatisfação de forma mais transgressora, sendo assim mais legítimo.

Brunno TOX critica:

“(…) O cara quer investir contra a pichação, num dá oportunidade pra ninguém, fica botando uma “pá” de polícia sem vergonha na rua, o próprio polícia não sabe a diferença entre pichação e grafite, e não quer nem saber prende uma “pá” de mano de bem aí (...). Quantos mil manos não ficam aí na boca da rodoviária, vendendo zuca? (...) Isso daí é um bagulho que é vergonhoso pra cidade. Isso aí é uma das paradas que dá consequência a pichação. Que é o que? A insatisfação do povo.”<sup>28</sup>.

Além das diferenças já citadas, a pichação é um rabisco em forma de letras, e quase nunca tem desenhos elaborados, as letras geralmente são as assinaturas dos pichadores. Assim, é algo “único”, pois cada um cria sua letra. O fotógrafo “Choque” diz: “A pichação de São Paulo é uma comunicação fechada, é da pichação para pichação, então ela na verdade não se comunica com a sociedade, ela é uma agressão, ela é feita para agredir a sociedade”.<sup>29</sup>

Outra distinção em relação ao grafite, é que os pichadores não se prendem tanto ao suporte, ou seja, eles picham estátuas, janelas, casas, marquises, monumentos, não só muros ou prédios, como a maioria dos grafiteiros. Eles buscam chegar aos lugares mais difíceis,

---

<sup>28</sup> Trecho do documentário “Contra Parede”.

<sup>29</sup> Trecho do documentário “PIXO”.

movidos pela adrenalina na falta total de segurança e permissão, onde as pessoas possam se perguntar, “como ele chegou ali?”.

Um caso que chocou a maioria das pessoas, tanto pelo grau de dificuldade, quanto pela escolha do lugar, foi a pichação no relógio da Central do Brasil no coração da cidade do Rio. Embora se considere grafiteiro, Kadu Ori escreveu no prédio a mais de 70 metros de altura, apenas com uma corda. Para muitos, um ato ofensivo, mas para outros, inclusive para Kadu, um ato digno de admiração. Como o próprio autor diz em entrevista ao Jornal O Dia: “Pichar o relógio da Central, era um sonho antigo”. Ele tentava há 14 anos, escrever no relógio do prédio, com uma câmera na cabeça para filmar a ação, que finalmente realizou, no dia 17 de fevereiro de 2016, ação essa, que durou 15 minutos. Ele diz após concluí-la: “Acabou, aqui deixo o meu legado”.

30



Outro caso antigo que também chocou a cidade do Rio, além de ganhar repercussão mundial, foi a pichação dos braços e rosto do Cristo Redentor, cartão postal da cidade. Em 24 de abril de 2010, o Cristo amanheceu pichado, depois de se entregar á policia, o autor Paulo Souza justificou: “(...) só quis fazer um protesto, (...) Pensei em colocar uma faixa, só depois resolvi fazer a pichação com o spray que estava comigo”. Paulo foi indiciado por crime ambiental e pelo ato de pichar (que também é crime), mas, assim como Kadu, aguarda em liberdade.

Ainda, abordando sobre o grafite “merecer” ou não reconhecimento e/ou legitimidade, um dos casos famosos onde a pichação, foi posta a confronto por assim dizer, aconteceu com

---

<sup>30</sup> “Nossa pátria está onde somos amados”. Pichação feita por Kadu Ori, relógio da Central do Brasil. Centro do Rio. Foto disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/rio-relogio-da-central-do-brasil-sofre-pichacao-04022016>

o pichador Rafael Pixabomb, enquanto estudante de artes visuais, ele tinha o direito de apresentar um trabalho prático como conclusão de curso, e resolveu pichar um dos tapumes que estavam sendo usados pra expor os trabalhos finais. Mas, mal começando seu “trabalho”, ele foi interrompido a gritos e empurrões, sendo o começo de uma confusão na faculdade: mais pichadores entram e começam a pichar a faculdade de Belas Artes de São Paulo. Muitas pessoas viram como transgressão, “vagabundagem” e vandalismo. Rafael saiu algemado da faculdade, e ainda assim fazendo críticas, pois para ele, há uma hipocrisia entre a aceitação de certas “artes” em detrimento de outras. Onde fica a pergunta, o que é preciso para que uma expressão artística tenha seu lugar legitimado?

Recentemente, (25 de janeiro de 2016) na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no centro comercial do Rio, popularmente conhecido como SAARA, três jovens (grafiteiros), foram espancados com barras de ferro e agredidos verbalmente. A justificativa para tal ação, é de que os jovens, seriam pichadores, e sendo assim, foram automaticamente estereotipados como vândalos. Eles tiveram o corpo e o rosto pintados, e foram chamados de pichadores durante a agressão, que foi filmada e entregue à polícia. Tal caso, traduz claramente a carga de agressão e repúdio, que a pichação traz para a maioria das pessoas.

Na pesquisa de Ceará(2008), entrevistando os jovens pichadores paulistas, ele corrobora por meio das entrevistas com esses rapazes, o pensamento generalizado que as pessoas têm sobre pichação:

Todos os sujeitos afirmaram que a sociedade os percebia de maneira depreciativa, como vândalos, vagabundos e marginais. Isso indica uma relação de atrito e conflito entre sociedade e esses grupos de jovens. Essa relação intensifica o sectarismo já existente nos grupos. (...). Os adolescentes pesquisados também expressaram percepções particularmente depreciativas das autoridades legais, como polícia e governo. Os representantes da lei e da ordem são percebidos como instituições sociais violentas e corruptas, isto é, claramente sem legitimidade para representar a justiça e a lei. Os dados desse trabalho indicam que a lei é compreendida como passível de um marcante relativismo. (CEARÁ, 2008.)

Para Gitahy (1999), Villaça analisava os pichadores como “despreparados” artisticamente, e se mostrava receptivo ao seu “fazer artístico”, demonstrava empatia por garotos que foram assassinados, por serem flagrados em atos de pichação: Devemos procurar entender a manifestação humana. “Se somos da mesma espécie, por que reprimir, tão drasticamente, uma atividade muito menos perigosa do que as barbáries sociais ecológicas e

políticas, corrupções e violência que se sucedem a nossa vista e são enaltecidas pela mídia?”<sup>31</sup>.

O questionamento central da pichação é: se é arte ou não é arte; se deve ou não ser reconhecida. Resposta que provavelmente só virá, após muitas mudanças sociais e muita discussão. É possível afirmar, que reconhecimento da pichação ainda está longe de acontecer. Para Gitahy (1999), dentro de uma linguagem, grupos diferentes se expressam, carregando as próprias posturas. Logo, cada um verá a sua própria maneira, o que melhor o representa.

---

<sup>31</sup> Villaça *Apud* GITHAY, Celso. O que é graffiti. São Paulo. Brasiliense. Coleção primeiros passos. 1999.

## CAPÍTULO IV

Até agora, o grafite e a *street art* foram abordados de uma forma geral. O próximo tópico traz a análise de alguns artistas cariocas, e a importância da arte urbana não só aqui (no Rio de Janeiro) como no exterior, incorporando à arte de rua, o seu estilo cultural e estético. Cariocas como Marcelo ECO, Panmela Castro (Anarkia Boladona) e Marcelo Ment cresceram, e hoje ocupam o espaço em grandes áreas da cidade do Rio.

Relembrando a ideia de nomadismo, a arte urbana não deve ser vista como algo estanque. Muitos grafiteiros nascem em uma região, mas fazem trabalhos em outras cidades e vice-versa, sendo assim, alguns nomes que são considerados expoentes nessa arte, nem sempre serão cariocas de nascença, mas será dada mais ênfase aos que têm feito mais sucesso na cidade do Rio.

Antes de abordar sobre a cidade do Rio de Janeiro, vale salientar que a cidade de São Paulo pode ser considerada o celeiro da arte urbana, começando pelas mãos de Alex Vallauri, nos anos 70, o artista da “botinha”, pois desenhava botas nas paredes da cidade, deixando o mistério no ar, de quem estava por detrás dos grafites. Vallauri ao ser descoberto, participou de três bienais trazendo junto com seu reconhecimento a ascensão da arte urbana. Junto com ele, outros artistas começam a ter destaque, como Mauricio Vilaça, Carlos Matuck e Waldemar Zaidler. A importância de Alex para a arte de rua foi tão significativa, que após o dia da sua morte, 26 de março de 1987, seus amigos resolveram grafitar o túnel da Avenida Paulista, e o dia 27 a data tornou-se dia nacional do grafite.

O grafite já está tão intrínseco a cidade, que hoje, faz parte da rota de turistas e admiradores. Considerado um grande museu urbano, São Paulo se mantém como berço de grandes artistas, que hoje são chamados para trabalhos no exterior, como os Gêmeos, que já grafitaram no Tate Modern em Londres, e o castelo de Kelburn, em Ayrshire. Segundo Ganz (2010): São Paulo e Rio de Janeiro são o centro do movimento do grafite no Brasil, ostentando grande número de artistas tipográficos elogiados internacionalmente. Apesar de nova, essa cena exerceu a influência mais significativa sobre os estilos mundiais de grafite nos últimos anos. (2010, p.19)

## 5. O grafite na cidade do Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro, pode-se dizer que as primeiras pinturas de rua foram iniciadas por José Dadrino (O Profeta Gentileza), em meados de 1970, e que até hoje, é possível ver seus trabalhos preservados, graças ao reconhecimento de sua importância para a construção identitária, no trabalho do Professor Doutor e pesquisador de arte e cultura, Leonardo Guelman, que em seu livro, “Livro urbano do profeta Gentiza”, aborda a importância do escritor urbano. Durante a década de 80, Gentileza realizou 56 pinturas nas pilastras entre o cemitério do Caju e da Rodoviária Novo Rio.

O grafite no Rio de Janeiro, começou a crescer de uma forma mais tímida do que em São Paulo, para Ventura (2012), o seu início se deu nas favelas, e graças às revitalizações urbanas, hoje o grafite se expande pelas ruas:

No Rio de Janeiro a prática do grafite teve início nas favelas com o apoio das comunidades, do movimento hip-hop e da liderança do tráfico de drogas. O avanço de programas de revitalização urbana, da presença de organização não governamentais nas comunidades e o crescente interesse do mercado publicitário contribuíram para reforçar a prática estética do grafite. (VENTURA, 2012. P.262).

Como foi dito anteriormente, a introdução do spray no Rio de Janeiro, tem como grande pontapé, a curiosa escrita Lerfa – Mú, criando uma rixa com outra inscrição que também era famosa na zona sul da cidade: Celacanto provoca maremoto. O autor da frase popular é o jornalista Carlos Alberto Teixeira, ele relata em entrevista ao site *Beside Colors* como tudo começou:

Um dia, após a aula, peguei giz e enchi a sala com tal representação. Era na parede, era no quadro negro, era no chão, no teto, enfim, enchi a sala de aula e aquele negócio virou um símbolo. Na época eu tinha 17 anos, e fazia esse grafismo com giz em tapume de obra, o que gerava um contraste legal do giz branco com a madeira de coloração escura. Depois comecei a comprar Pilot (caneta hidrocor, conhecida como pincel atômico) ensinei alguns amigos a fazer a pichação CELACANTO PROVOCA MAREMOTO, pois havia um estilo que indicava que era eu quem estava fazendo, e não uma mera cópia, (havia gente que copiava e dava pra perceber que não era da minha linhagem). O grande salto foi usar o spray e aí começou a se formar uma equipe que chegou a totalizar 25 pessoas, com gente pichando até em Washington e Paris. Como era um trabalho que a agente fazia de madrugada, havia muita pichação na zona sul do Rio, em Ipanema, Leblon e Copacabana. Por ser uma região muito cabeça, as pessoas começavam a perguntar: *Ah, Celacanto, o que será isso?* Na mesma época, havia outra pichação o Lerfa Mú, uma coisa de maconha. Tanto eu quando esse Lerfa Mú, estudávamos na PUC do Rio, e começamos uma batalha nos banheiros, que ficavam totalmente rabiscados: eu ofendendo o Lerfa Mú, ele me



respondendo...Até que um dia surgiram outros pichadores na área do Jardim Botânico e Leblon lutando contra o Celacanto e o Lerfa Mú, o que ocasionou uma aliança entre nós dois. Nos banheiros da PUC marcamos um encontro numa esquina de Copacabana. Para nos reconhecermos mutuamente, deveríamos ir com um chapéu de vassoura; nos reconhecemos e nos abraçamos e tal. Há alguns anos, soube que o Guilherme – autor do Lerfa Mú – faleceu de cirrose hepática.<sup>32</sup>

Com o “avanço” da pichação, o estilo começa a se preocupar mais com a estética. Hoje em dia, é permitido dizer que há grafiteiros cariocas (e de outras regiões, que vieram morar no Rio), que realizam lindos trabalhos, não só na zona sul, mas também nas comunidades e fora do país, o TOZ<sup>33</sup>, a Anarkia Boladona e Fins, vêm se destacando no Rio de Janeiro e dentro do universo internacional, segundo a revista Veja Rio:

“A arte que usa como suporte, os mais variados muros cariocas está partindo para voos maiores. Agora o foco do nosso graffite está no exterior (...) no estrangeiro, são contratados em moeda mais forte que o real e de forma mais personalizada. (...) além do dinheiro mais farto, a visibilidade que esses artistas conquistam ao expor no exterior é um chamariz para novas chances, nos mais díspares pontos do planeta. (...) A trajetória do sucesso dos artistas de rua é um sintoma de que o graffite passa por ótima fase no Rio, e basta sair às ruas para observar, alguns sinais recentes, revelam a expansão do, digamos assim, setor.”<sup>34</sup>.

E, assim como Carlos Bobi, (morador de Saracuruna), que participou de um festival de grafite na Itália e relata: “Participei de uma exposição em Pádua, e de um festival em Údine. Fiquei um mês por lá. E fiz cerca de dez painéis. Foi um grande aprendizado, uma experiência incrível”<sup>35</sup>.

Outra boa iniciativa para o reconhecimento das artes urbanas, foi a inauguração da GaleRio, em Botafogo, o primeiro espaço dedicado apenas para esse tipo de arte, já traduz a ideia de arte de rua, agora tem uma nova interpretação, que os artistas e seus fazeres trazem consigo uma nova identidade à cidade.

Segundo CRESSWELL (1996), o grafite só poderia ser arte quando feito dentro das galerias: sua condição existencial está ligada ao seu lugar. Entretanto, o que se vê no Rio de Janeiro – e no mundo – é que o grafite pictórico vem sendo, cada vez mais, aceito como arte. A partir disto,

---

<sup>32</sup> Entrevista do jornalista Carlos Alberto Teixeira ao site Beside Colors. disponível em <http://besidecolors.com/lendas-da-pixacao-%E2%80%93-celacanto-provoca-maremoto/>

<sup>33</sup> TOZ nasceu na Bahia mas, tem grande representação no cenário do grafite Carioca.

<sup>34</sup> Reportagem Revista Veja Rio, 8 de julho de 2015, páginas 34 e 35.

<sup>35</sup> Entrevista ao Jornal Extra, sábado 24 de outubro 2015.

compreende-se que a condição de arte do grafite não depende apenas do lugar onde este é feito, mas também de sua forma, dos agentes que o produzem e do seu sentido para a população frequentadora daquele lugar. (MOREN, 2009, p.35).

A criação do decreto GrafiteRio, também merece destaque, assinado pelo prefeito Eduardo Paes em 2014, ele estabelece diretrizes para a arte urbana na cidade, onde espaços como viadutos, tapumes e colunas serão permitidas intervenções artísticas, sendo vetado os grafites em imóveis tombados. Para Ventura (2012), o grafite no Rio de Janeiro e o reconhecimento pretendido com a prática, são os valores sociais, que asseguram a igualdade e o acesso ao direito.

No entanto, a ideia de se ter um regulamento para o grafite e a *street art*, pode ser dicotômica: é um passo para o reconhecimento da arte urbana bem como para sua proteção, mas, também pode ser inútil aos olhos dos seus fazedores, já alguns artistas acreditam que como o grafite tem como início e grande característica, a transgressão, a lei não dialoga com o que é proposto pelos artistas e pela arte de grafitar.

“(…) O Rio é conhecido mundialmente como “Grafite Paradise”, pela forma como recebe bem a arte do grafite. É da essência do grafite não pedir licença para pintar. Também não vamos sair por aí apagando desenhos — afirma Marcello, lembrando que só quem avançar sobre áreas proibidas, como viadutos, poderá ter seu trabalho apagado. (...) Por e-mail, OS GEMEOS afirmam que ficaram sabendo da medida de Paes, que, na opinião deles, pretende determinar locais onde o grafite é aceitável, e outros onde ele seria ilegal. “Portanto, é importante falar sobre a natureza do grafite, que existe no Brasil há mais de 30 anos e tem toda uma história, uma escola por traz disso”. Desde seu começo, é uma arte transgressora, que não permite que ninguém diga como, onde e por que deve ser feita”.<sup>36</sup>.

Dessa forma, outras discussões acerca da arte de rua se desdobram, se ela se encaixa em um decreto, ou não, e o quão efêmero e mutável ela pode ser. Seria quase impossível saber quantos grafites surgem e desaparecem todos os dias, pois assim como a arte, o meio urbano também está em constante transformação.

(…) O grafite constrói sua principal maneira de impor presença exatamente sobre aquilo que o distingue do resto da cidade. Isto o alça à condição de “pequeno oásis imagético” para os cansados olhos daqueles que estão acostumados a transitar pelos espaços de sempre. Constitui-se então mo, repouso para a visão, no tocante ao exercício de estar e de usufruir da cidade:

---

<sup>36</sup> Matéria do Jornal O Globo, disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/decreto-do-prefeito-eduardo-paes-cria-normas-para-grafite-na-cidade-11645311>

não é sempre a mesma cidade, cada olhar sobre seus muros estabelece uma diferente maneira de apropriação de seus conteúdos. (ARAÚJO, 2011, p.5)

O fazer artístico está intrinsecamente ligado às relações, seja a relação do artista com a obra, ou nesse caso da cidade com a obra. Ser grafiteiro é estar ciente do dualismo que é registrar sua marca e saber que ela pode durar anos ou menos de um dia. Talvez por isso, o nomadismo seja tão presente, e assim, seja incomum que eles se estabeleçam em um só lugar, pois seguem a lógica de que: “se em um lugar apagam, eu faço em outro”, e assim sucessivamente.

Ainda que comprometendo um potencial mais crítico à desigualdade social, a prática do grafite no Rio de Janeiro possibilita a internalização de dispositivos simbólicos para uma autocompreensão da própria capacidade e criatividade, trazendo a possibilidade de desenvolver um senso de autorrespeito moral que é violado pela sistemática negação dos direitos. (VENTURA, 2012, p.262).

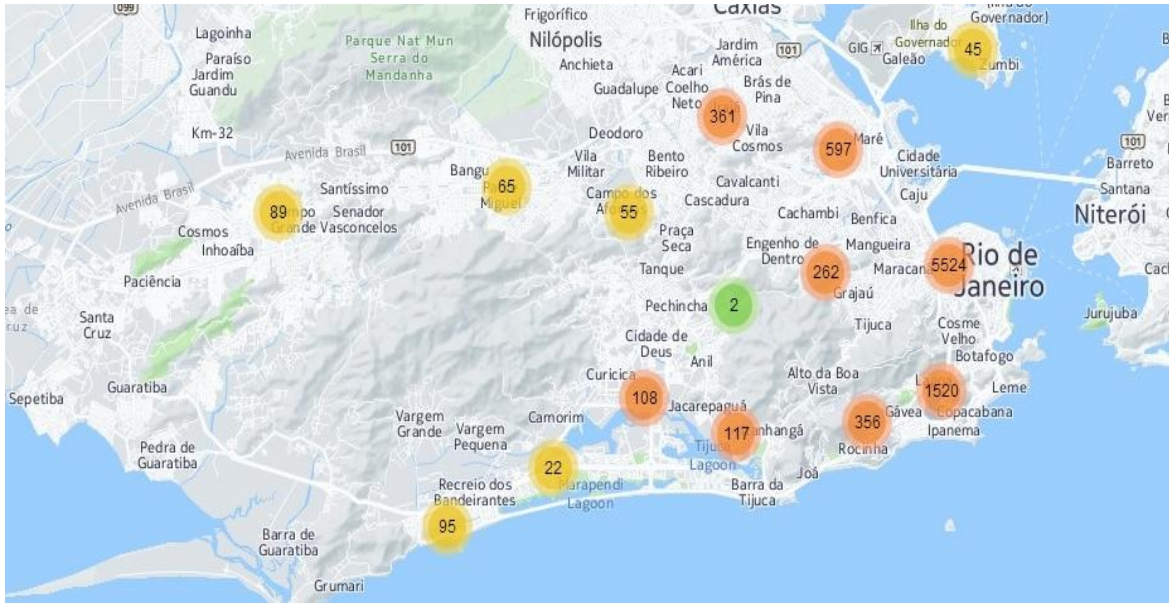
Para Platão, a arte não existe, existem apenas artes, maneiras de fazer.<sup>37</sup> Analisando essa afirmativa, vemos o quão singular é a forma do fazer artístico no grafite, mutante e adaptável, transgressor e admirável, eterno e finito. Os muros se tornam telas a serem preenchidas, enquanto outros estão sendo demolidos e/ou apagados. Alguns murais conhecidos na cidade se mantêm preservados traduzindo um cenário carioca, e serão citados mais adiante.

Com a criação do StreetArtRio, uma nova forma de reconhecer e mapear essa arte foi implementada. Uma iniciativa independente onde todos podem participar, ajuda a catalogar por meio da *hashtag* #StreetArtRio na rede social *instagram*. É possível ver onde há um novo grafite e quem pode ser seu autor.

A ideia deu tão certo, que podemos analisar com o mapeamento demonstrado abaixo, como a arte urbana vem crescendo na cidade do Rio de Janeiro. Através desse mapeamento comunitário, sabemos onde há maior concentração de grafites, indicado pelo numero 5524 (até o momento da pesquisa no site), sendo a maior concentração, no centro da cidade. A zona sul está em segundo lugar, com 1520 (até o momento da pesquisa no site) imagens.

---

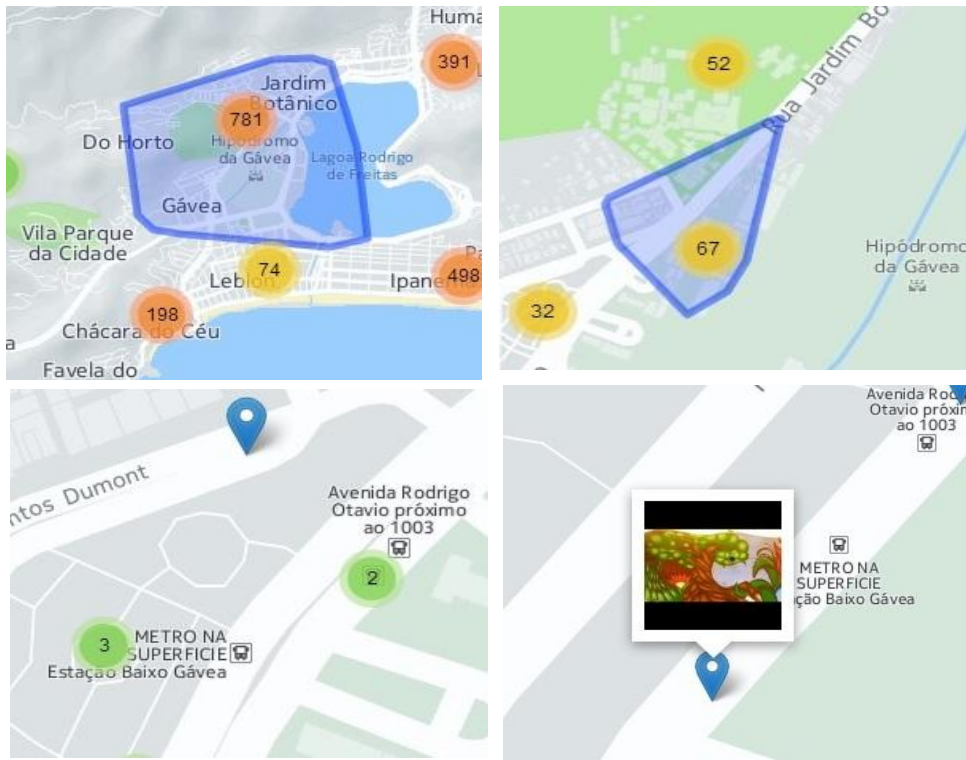
<sup>37</sup> RANCIÈRE, Jacques *apud* Platão. A partilha do sensível. 2009. P 28.



38

O mapa é interativo, é possível saber em que rua o grafite se encontra e qual é o desenho. Exemplificamos através do recorte que fizemos dentro da zona sul, entre o Jardim Botânico e Gávea usando ferramenta *zoom* em cada quadro:

39



<sup>38</sup> Disponível em <http://streetartrio.com.br/mapa/>

<sup>39</sup> Da esquerda para direita: Zoom em um dos pontos na Avenida Rodrigo Otávio, Gávea. Disponível em <http://streetartrio.com.br/mapa/>

Mas, cabe a reflexão, o fato do maior número de grafites se dar no centro da cidade, não se mostra como um fato isolado, descolado, pelo contrário, muito se traduz do sentido transgressor e ocupacional que o grafite tem. E, é natural pensar que no centro da cidade é onde existem mais imóveis, além de mais pessoas e olhares durante o dia. No entanto, por ser um centro comercial, à noite o centro se torna vazio, quase inóspito, que proporciona ao grafiteiro, maior liberdade de criação.

Analisando o segundo lugar com mais grafites no Rio, temos a zona sul, observamos a diferença de uma região para a outra. Os bairros da zona sul, têm menos prédios, mais policiamento, iluminação e segurança. Logo, sendo tão distintos, ainda assim o número de grafites não para de crescer. Traçando possíveis repostas, podemos crer que nos bairros da zona sul, o número de turistas sendo maior, as paredes servem também como um portfólio, uma vez que muitos dos nossos artistas são convidados para grafitar no exterior. Além disso, o grafite vem ganhando notoriedade em eventos, estampas, debates, e vem tornando-se *cool*, tendo na zona sul, os bairros considerados mais nobres do Rio de Janeiro, o grafite chega como arte, e não tanto como invasão ou transgressão (salvo em alguns casos).

Em 2015, o grafiteiro TOZ, foi o ganhador de uma votação popular para grafitar a vertical do famoso Hotel Marina, na orla do Leblon, cartão postal da cidade inclusive por sua clássica fachada. Isso demonstra o quanto a ideia de arte, acerca do grafite vem sendo aceita, admirada, e reconhecida como fazer artístico. Como é possível que o olhar sobre a paisagem altere nossa perspectiva, e nos traga novos significados.

40



<sup>40</sup> Artista: TOZ. Hotel Marina, Leblon. O grafite mais alto do Rio de Janeiro. Foto disponível em: <http://artscoop.com.br/blog/2015/10/05/hotel-marina-palace-ganha-grafite/>

A ideia do mapeamento da arte de rua por meio de uma ação colaborativa, ajuda não só ver como a arte de rua hoje está cada vez mais, ocupando a cidade e ganhando devido o reconhecimento, como também, dá ao cidadão o poder de interagir e admirá-la . Dando a ela uma nova percepção, o olhar ativo e participativo, colabora para mais aceitação das pessoas, assim a *street art* e o grafite começam a fazer parte da sociedade carioca.

Como cita BLAUTH e POSSA (2012): “Embora sendo algo individual, também contempla aspectos relacionados ao coletivo, ao grupo e ao seu espaço de criação. Ou seja, os membros integrantes e produtores de grafites possuem signos próprios, sendo compreendidos pelo público do próprio meio que se inserem.”. (2012, p.158).

Alguns murais na cidade do Rio de Janeiro, são mais conhecidos e até então se mantém preservados, tornaram-se *points*, por admiradores locais e turistas. Traduzem a identidade do local, ditando o estilo de vida dos frequentadores. Lugares que antes eram comuns ganharam uma nova configuração cheia de cores, assinados por artistas e grafiteiros reconhecidos tanto no Rio, quanto em outras cidades do Brasil e do mundo. Seguem alguns lugares grafitados que se tornaram icônicos na cidade:



Artista: Tomaz Vianna (TOZ).  
Maior mural de grafite do Rio de Janeiro.

Rua Sacadura Cabral. Centro. Rio de Janeiro.

Foto disponível em <http://fecortez.com.br/2013/04/arte-no-muro-grafites-inovadores-e-se-tornam-cartoes-postais-do-rio/> (acesso em 4.1.2016)



Artista: Panmela Castro (Anarkia Boladona).

Rua do Lavradio, Lapa. Rio de Janeiro.

Foto disponível em <http://misturaurbana.com/2015/04/grafiteira-panmela-castro-abre-exposicao-rio-de-janeiro/>  
(acesso em 4.1.2016)



Artistas: ACME, AFA, AKUMA, BR, BRAGGA, CH2, CHICI, Marcelo ECO, GODRI, JOU, Marcelo Ment,  
PIA, SWK, TM1 e TOZ.

Praça Cardeal Câmara. Lapa. Foto disponível em <http://cullturehiphop.blogspot.com.br/2011/08/grafite-arte-nas-paredes-das-ruas.html> (acesso em 4.1.2016). *Obs: O painel demonstrado na foto foi feito em 2010, a abertura de um restaurante no local removeu parte do mural.*



*Obs1: Considerando que o Muro do Jockey é um ícone antigo para os grafiteiros, não foi possível contabilizar todos os artistas que graffitaram no local, no entanto é possível citar alguns como o americano Dazi, o carioca Marcelo Ment e o fluminense Carlos Bobi. Muro do Jockey,*

Rua Jardim Botânico. Jardim Botânico - Gávea. Rio de Janeiro.

Foto disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/em-reforma-de-muro-jockey-club-apaga-grafites-provoca-polemica-11963007> (acesso em 4.1.2016)

*Obs2: Em 2014, o muro foi pintado de tinta bege pelo próprio Jockey Club alegando revitalização já que o conjunto foi tombado pelo município. Atualmente somente um trecho do muro está liberado para o grafite.*



Artista: TITO (Alberto Serrano, norte-americano).

Maior história em quadrinhos do mundo. INCA (Instituto Nacional de Câncer).

Região portuária do Rio de Janeiro.

Foto disponível em <http://portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/3720/> (acesso 4.1.2016)





Artistas: (não foi possível encontrar o nome de todos), mas dentre os 45 temos os brasileiros: Marcelo Ment, Airá Ocrespo, Pannela Castro, Does, Dninja, Meton, Thiago Tarm, Marcelo Eco, Bruno Big, Kolov Crew e Marcelo Jou.

Morro dos Prazeres. SantaTeresa. Rio de Janeiro.

Foto disponível em <http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/171675/Caminho-do-Grafite-no-Morro-dos-Prazeres.htm> (acesso. 4.1.2016)

Os grafites retratam o poder transformador, não só da paisagem, mas também da relação que se constrói com a cidade, sobre como ela é vista e reconhecida, como nossos olhares estão mudando, admirando painéis coloridos a caminho de casa, ou indo para o trabalho.

As inscrições do grafite, tendo como suporte privilegiado os muros da cidade, a cidade como um todo, estabelecem um novo espaço, reinventando, para a comunicação com os cidadãos. Os muros, como outdoors de concreto, apresentam todo o seu manancial de possibilidade de expressão a partir da atuação do grafite urbano. Portanto, deve-se levar em conta a consideração dada a esta manifestação como forma de inserção diferenciada na cidade. Inserção cuja marca registrada se associa a uma visualidade alternativa e multicolorida contrastando com a monocromia urbana. (ARAÚJO, 2011, p.4)

A arte por meio dos grafites e da *street art*, conquistam os transeuntes e inspiram novos artistas, traduz a identidade de um local. Agrega, instiga e por estar nos muros, nos tapumes, nos viadutos, é acessível a todos. É da rua para quem a constrói, é a ideia de diálogo, sem segregar os desenhos em melhores ou piores, apenas em estilos diferentes, e assim como não há distinção estética, também não há distinção de poder aquisitivo para poder usufruí-la. “Talvez um dia, todo centro urbano apesar de caótico, possa vir a ser uma grande galeria de arte a céu aberto.” (GITAHY, 2012. p.79).

A importância do fazer artístico nos meios urbanos, vem como uma necessidade latente. No intuito de interagir com a cidade por meio de seus desenhos e criações. Agregando a mesma, uma nova formatação visual.

Os grafiteiros, embora coloquem que não ocorrem influências, percebemos que as suas intervenções nos espaços urbanos não acontecem de forma aleatória, mas há sempre uma intencionalidade no seu fazer, seja com questões efêmeras, seja com questões sociais ou por pura paixão no que fazem. (BAUTH e POSSA 2012, p.158).

A ideia de “ocupar” os espaços urbanos criando uma identidade coletiva e dando um novo significado as intervenções na cidade, também traz uma visibilidade à novos artistas e a chance de crianças e jovens despertarem o interesse pela arte de rua, com programas sociais e eventos artísticos. Logo, o grafite se torna também um meio de inserção, de conhecimento e de cultura que aos poucos começa a ser difundida.

6. Como o grafite se estabelece como produção cultural na cidade do Rio de Janeiro:

Até o momento, a arte de rua foi abordada nas suas diversas maneiras de se manter presente nas cidades, nas mudanças sociais, na transformação estética dentre outras características. Também foi demonstrado como o grafite e a *street art* na cidade do Rio, vem ganhando reconhecimento e cresce entre o meio urbano carioca. Agora, abordaremos sobre como essa arte vem se destacando dentro da produção da cultura. Já se havia explicitado o quanto o grafite contribui para cultura local, e como o fazer artístico pode trazer aos jovens novas oportunidades de criação, tornando-se uma ferramenta de trabalho.

Veremos adiante, como projetos, ideias, e ações culturais envolvendo o grafite e arte de rua, hoje além ajudar a sustentar seus realizadores, agregam novos valores sociais aos envolvidos. Novos projetos que foram elaborados pensando no fazer cultural e juntamente abordando o grafite, nas ruas, e nas cidades criando um laço de pertencimento e identidade em seus fazedores.

Somos sujeitos culturais, o fazer cultural muda toda a nossa concepção e vida social, principalmente no campo econômico e sociocultural. Por meio de projetos e políticas culturais, podemos protagonizar como criadores e agentes, agregando novas práticas e perspectivas a sociedade a qual estamos inseridos.

É pertinente consolidar meios e pontes para a sustentação de uma produção cultural que seja vigorosa e diversificada. Onde se possa encontrar o particular e o universal, o rural e o urbano, o tradicional e o contemporâneo (...) Sejam mobilizadores para alargar o conceito de cultura, tomando-o no sentido antropológico mais amplo de invenção coletiva de símbolos, valores, ideias e comportamentos de forma a afirmar que todos os indivíduos e grupos São seres e sujeitos culturais” (OLIVIERI, NATALE. 2010, p.14).

Embora também venha tendo crescimento dentro do universo cultural, o grafite no Rio de Janeiro ainda está mais “lento” do que em São Paulo. Por um lado, o Rio é sede de grandes empresas que poderiam patrocinar a iniciativa, porém, ainda se mantém um atraso na criação de uma política cultural que envolva a arte urbana.

No Rio de Janeiro diferente de São Paulo, a participação do poder público e privado nos projetos de grafite é pouco significativa, os recursos privados e públicos são escassos e esses são dirigidos a outros projetos. Contudo, existem muitos grupos de grafites e alguns com características estéticas muito próprias. Os grafiteiros cariocas desenvolveram habilidade técnica para o desenho e realizam grandes painéis com representação das cenas do cotidiano na favela. (VENTURA, P.15)

Para Ventura (2012), a distância do poder público e dos órgãos de cultural ajudou a moldar uma produção política do grafite no Rio. Ou seja, os grafiteiros ganham seus espaços e desenvolvem projetos por meio de luta. Segundo a autora, diferentemente de São Paulo, as ONGs que operam no cotidiano local, não dispõem de recursos ou projetos que viabilizem o grafite como prioridade de suas políticas. O grafite só é patrocinado por ONGs em situações de campanhas públicas por que atraem a mídia. (p.15).

Ainda assim, veremos como alguns projetos que envolvem o grafite e/ou a *street art*, foram significativos junto com iniciativas sociais na cidade do Rio de Janeiro, modificaram não só a relação cidade-transeunte, mas como também a vida de quem ensina e aprende com a arte de rua, despertando relações de identidade e construção pessoal dentro da sociedade.

Começando pelo projeto de revitalização urbana apoiado pela Total E&P do Brasil, que levou o grafite ao mirante localizado na comunidade dos Prazeres, os muros das casas ao longo do mirante foram transformados em grandes painéis por 45 artistas, e o trabalho levou cerca de três meses.

O “Caminho do Grafite” revitalizou o espaço e se tornou um novo roteiro turístico que leva centenas de visitantes de todo mundo à região. Os próprios moradores atuam como guias e puderam encontrar no turismo uma nova fonte de renda. “A ideia do projeto foi genial. Primeiro, mudou a nossa autoestima, pois muitos moradores não valorizavam a sua própria casa. Hoje o nosso espaço está mais bonito, valorizado, atraindo turistas e

movimentando a economia local”, diz Igor Amaro, morador dos Prazeres, que trabalha com organização de eventos na comunidade.<sup>41</sup>

Jaqueline Lima, que agora faz parte do Prazeres Tour, no Moro dos Prazeres, diz orgulhosa ao Jornal O Dia: “Agora que temos o Caminho do Grafite, com estas telas maravilhosas, o turismo potencializou. Estão vindo franceses, africanos, australianos, americanos” (...) “Nosso sonho é formar mais guias aqui e criar objetos para vender para os turistas. Também queremos ter nossa sede própria.”

Além dos benefícios para os adultos, a revitalização do local por meio das pinturas, trouxe um ambiente mais agradável para as crianças, elevando e criando uma ideia de pertencimento além de admiração do local em que vivem.

Para Coelho (2001), a ação cultural resume-se a criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim sujeitos – sujeitos da cultura e não seus objetos. (2001, p.14) Sendo assim, as ações e projetos culturais que envolvem o grafite, fazem de seus aprendizes, seres ativos dentro do universo cultural ao qual estão inseridos, e assim ajudam a transformar sua realidade.

O projeto PAZ (Paredes Art Zone), idealizado pela franco-brasileira Elodie Salmeron, produtora cultural e diretora da Valeu Produções, visa reunir grafiteiros e estudantes das escolas municipais do Rio, no intuito de valorizar a arte de rua e incentivar a criatividade dos alunos por meio de oficinas de grafite nos muros das escolas.

O grafite é uma prática artística universal fortemente ancorada no Brasil e particularmente no Rio de Janeiro, onde integra o patrimônio imaterial da cidade. Temas como a valorização da diversidade, revitalização de áreas, força do trabalho coletivo e respeito ao próximo, são pilares da cultura do graffiti. P.A.Z se propõe a reunir esses elementos em uma ação voltada para a valorização dos direitos da infância, ao estímulo do pensamento criativo e, muito importante, ao poder de transformação inerente em toda pessoa.<sup>42</sup>

Em maio de 2015, o projeto com curadoria do grafiteiro TOZ, homenageou os 450 anos da cidade do Rio de Janeiro, visitando os alunos do quinto anos das escolas Benjamin Constant, no Santo Cristo, José Pedro Varela, na Pavuna, Paula Brito, na Rocinha e Pedro Ernesto, na Lagoa. Os alunos tiveram a oportunidade de participar da oficina de grafite com

---

<sup>41</sup> Matéria disponível em: <http://br.total.com/pt-br/total-no-brasil/projetos-por-uma-energia-melhor-no-brasil/arte-leva-autoestima-para-comunidade-no-rio-de-janeiro#sthash.1Z2j11qr.dpuf>

<sup>42</sup> Disponível em <http://www.projetopaz.com/>

grafiteiros experientes além do TOZ, como BR / Bruno Bogossian, Marcelo Jou, Fins e Wark Rocinha.

Poucos projetos que envolvem grafite são patrocinados por empresas privadas, diferentemente do que ocorre em São Paulo. No entanto para Ventura(2012), os grupos de grafite criaram suas próprias características, e os grafiteiros cariocas desenvolveram suas próprias marcas para os desenhos. “As iniciativas normalmente partem dos próprios grupos e estão majoritariamente circunscritas nas esferas comunitárias nas quais eles alcançam padrões ainda não satisfatórios de reconhecimento”. (VENTURA p.15).

A CUFA (Central Única das Favelas) oferece cursos de grafite para jovens carentes, na Cidade de Deus, e em oficinas no viaduto de Madureira. Para AFA, (Alexandre Ferreira) coordenador do núcleo de grafite da CUFA, a arte é a oportunidade para muitos meninos e adolescentes deixarem as ruas e almejem um futuro melhor.

Matheus Fernandes de 18 anos conta que usava a pichação para se firmar diante dos amigos, mas ao aprender as técnicas do grafite abandonou as letras e formas sem conteúdo e agora investe em arte. “A pichação é pura adrenalina e reconhecimento dos amigos. Hoje pego a agilidade que aprendi nas ruas com a pichação e aplico nas técnicas do grafite”, contou Matheus.<sup>43</sup>

AFA pretende além de atuar em comunidades, dar oficinas em presídios do Rio. O projeto chamado de “Rebelião Cultural”, tem a intenção de tirar o detento da ociosidade dando a ele mais autonomia e dignidade. Para Teixeira Coelho (2001), o fazer cultural é elemento chave contra a barbárie, como instrumento de revolução e ativação da criatividade. A cultura é o que move o indivíduo, é o que resgata ele da indiferença e negligencia.

Barbárie não é necessariamente gritos e sangue jorrando, pelo menos não no começo. Outro nome para barbárie é a indistinção. Quando uma época não consegue distinguir entre uma coisa e seu contrário, essa é uma época de barbárie. A ação cultural lida com a cultura, não com a barbárie. Por tudo isso, a ação cultural é também uma ação social ou não é. Uma ação sociocultural. (COELHO, 2001, p.27).

A ONG AfroReggae, também oferece a alunos das periferias, aulas de grafite de graça, onde muitos dos alunos eram pichadores (agindo de uma forma mais marginalizada e agressiva), com as aulas aperfeiçoam os desenhos, grafitando os muros da cidade. Como foi dito anteriormente, a arte por meio do grafite, dá as crianças carentes uma nova realidade, se

---

<sup>43</sup> Entrevista disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1198297-5606,00-GRAFITE+SE+FIRMA+COMO+ARTE+URBANA+NO+RIO+E+LEVA+OPORTUNIDADE+A+JOVENS+CAREN.html>

tornando uma ferramenta de luta e de engajamento cultural. As ações culturais e os projetos, são meios indispensáveis para que ideias como essas saiam do papel.

A grafiteira “Anarkia Boladona” (Panmela Castro), é uma das principais precursoras das questões sociais no Rio de Janeiro. Como foi dito no subitem *grafite e feminismo*, ela mantém uma ONG que empodera as mulheres, demonstrando suas diversas formas de exporem suas artes contra o machismo. A Rede NAMI, percorre escolas com cartilhas e debates sobre a Lei Maria da Penha (2006), e conversa com os alunos sobre as diversas formas de violência que as mulheres podem sofrer na sociedade. No final do debate os alunos grafitam um muro da escola com tudo que eles absorveram sobre o encontro, e recebem folhetos com informações sobre como detectar a violência doméstica. Em parceria com a AVON, foi criado um documentário intitulado “Graffiti, pelo fim da violência doméstica” que registra essas visitas às escolas. Entre 2013 e 2014, a Rede NAMI visitou 34 escolas públicas conversando com mais de 1000 estudantes. Além do trabalho com os estudantes, a rede também se preocupa em investir em outras artistas:

“Eu acredito que 95...99%.....sei lá grande parte das artistas mulheres, que tem hoje no Rio hoje, passaram pela Rede NAMI, fizeram algum tipo de formação aqui. Lógico, que elas tem seus méritos próprios, porque a gente formou centenas de meninas, e vamos dizer que tenham trinta agora fazendo grafite por que essas trinta foram merecedoras, conseguiram agarrara as oportunidades, mas essas oportunidades muitas vieram a partir dessa experiência no grupo, com a formação que a gente oferece.”<sup>44</sup>

Logo, os projetos trazem benefícios não só para mulheres, mas também para um coletivo, por meio do feminismo e pela luta contra a violência, é possível ajudar um número maior de pessoas cooperando com a autoestima das mesmas através da arte urbana. Para Coelho (2001), mesmo em sua vertente individualizante, há um objetivo social que move a ação cultural, há a preocupação com o retorno ao coletivo, daquilo que for possibilitado ao indivíduo (2001, p.46).

Mel Graffiteira, também formada pela rede NAMI, agora atua pelo projeto “Mais Educação”, que visa aumentar o tempo de permanência dos alunos na escola, para melhorar o desempenho escolar. O projeto vem trabalhando em escolas com baixo desempenho no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), no intuito de ampliar suas jornadas diárias e a reorganizar suas grades curriculares, oferecendo atividades esportivas, culturais e recreativas em tempo integral. Além disso, promove a inclusão digital e fomenta debates em

---

<sup>44</sup> Parte da entrevista realizada na Rede NAMI.

torno do meio ambiente, cidadania e saúde. Mel, dá aulas de grafite para os alunos, orientando os jovens. “Amo dar aula, nessas oficinas, já vivenciei com outras meninas o que aconteceu comigo. O grafite é uma forma de expressão e eu trabalho nas escolas, comunidades e centros de atendimento, falando para as mulheres vítimas de violência, não se calarem, lutarem e se expressarem.” Diz à Folha de São Paulo.

O projeto Afrografiteiras, também criado pela Rede NAMI, visa dar protagonismo dentro do universo da arte urbana à mulher negra. Tendo como base a discussão do papel da mesma dentro da sociedade. Durante seis meses, um grupo de mulheres afro-brasileiras discute sobre a emancipação dentro da produção artística. Como resultado, foi lançada a exposição #Afrografiteiras, a mostra foi exposta na Galeria Scenarium, no Centro Antigo do Rio de Janeiro.

Durante a entrevista com TOZ e ANARKIA BOLADONA, foi perguntado à eles como o grafite está relacionado com uma produção cultural, e como a arte de rua influencia na cultura urbana e vice-versa:

### 6.1 Entrevistas – Parte 2

#### **Entrevista TOZ:**

*Luiza Pion - Como você relaciona o grafite e/ou street art dentro de uma produção cultural urbana? (em conjunto com outros movimentos/elementos como o hip - hop, design, por exemplo).*

TOZ: “Eu me formei em design gráfico, e sempre usei o grafite como arma para fazer trabalhos, usei a linguagem das ruas para fazer capas de discos, *mini garrafinhas* da Coca-Cola, entre outras coisas, sempre foi normal para mim, mas depois de dez anos trabalhando em grupo e com design, me senti muito escravo dos clientes e resolvi focar na arte e no meu trabalho individual, porque sempre pintei e nunca tinha tido uma oportunidade até conhecer um curador q viu meu trabalho e me chamou para fazer a primeira individual.

Desde 2007, só faço arte e trabalho menos em grupo, mas mantenho a chama do hip hop em mim, faço grafite em qualquer lugar do mundo que eu for, e tenho uma *crew* que já tem 16 anos, são como família para mim, onde tem fotógrafos, músicos e artistas gráficos. Me sinto feliz de não deixar que o ritmo de vida e a idade afastasse, a vontade de ir pra rua.”

## **Entrevista ANARKIA BOLADONA:**

*Luiza Pion - Como você relaciona o grafite e/ou street art dentro de uma produção cultural urbana? (em conjunto com outros movimentos/elementos como o hip - hop, design, por exemplo).*

ANARKIA: “O meu trabalho de arte em si, ele é uma pesquisa a respeito da relação do corpo feminino com a paisagem urbana, então todo esse processo, de você andar na cidade de você se relacionar com as pessoas, a alteridade em si. O trabalho comercial, que é o que a gente mantém toda a estrutura, é um trabalho sob demanda, a empresa ela vem com que ela precisa e a gente oferece o serviço. Mas hoje cada vez mais, eu foco no mercado de arte e menos na parte de publicidade, marketing e design. Tem empresas que eu trabalho, tem a Nike mesmo, que esse mês a gente vai fazer um trabalho, já fizemos outros, mas hoje em dia a gente investe mais na peça de arte, na venda de obras, criando exposições, por que ai eu consigo “linkar” melhor com o meu trabalho de arte em sim que não é um design, não é uma ilustração apenas, mas vem todo de uma pesquisa mesmo artística.”

ANARKIA: “Agora mesmo a gente vai receber uma consultoria financeira que vai montar toda a estrutura do nosso financeiro, vai ter uma profissional pra trabalhar essa área, pra gente conseguir lidar melhor com todas as situações, e a contrapartida disso, é que eu vou continuar através da ONG, fazendo o trabalho pra que outras mulheres, possam ter essa mesma oportunidade. Tanto é que agora a gente ta formando através do afrografiteiras.... A gente iniciou um grupo de trinta, que foi um funil né, porque não é aquele “entrou passou”, a gente foi bem rígida, então desse grupo sobraram dezoito meninas, e elas fizeram propostas de projetos, a gente ta investindo numa obra de arte, que elas estão criando pra uma exposição, a gente investiu em projeto delas, nas comunidades, então é uma forma de levar a diante isso. Se um dia alguém investiu no meu trabalho, hoje em dia eu invisto no trabalho de outras mulheres.”



## **Conclusão:**

Como foi possível observar neste trabalho, o grafite realizou uma ascensão histórica, trouxe com o passar do tempo um destaque e reconhecimento enquanto arte urbana. A prática que teve seu começo como manifesto e indignação, através de mensagens e desenhos pouco elaborados, veio após como marcação de território, tradução de um gosto musical (*hip-hop*) e graças a diferentes visões e formas de fazer, começa a ser admirada quase que em todas as grandes metrópoles.

O grafite modificou não só as cidades, mas também a vida de seus agentes. Relacionando-se com causas sociais, políticas, estéticas e educacionais, o grafite se tornou muito mais que pinturas em paredes. É ferramenta de luta social, identidade e empoderamento. Os projetos que tem o grafite como elemento chave, em seus desenhos, começam a serem pensados para os mais “excluídos” socialmente, uma vez que esses jovens e/ou mulheres vítimas de abuso, estão convivendo com a criminalidade, e com a falta de atenção do poder público.

Embora o grafite ainda mantenha de certa forma o cunho da clandestinidade em alguns casos, os seus fazedores hoje por meio de suas obras únicas, estão pouco a pouco mudando essa realidade. E a arte acaba sendo usada muitas das vezes, como ferramenta de autoafirmação dentro da sociedade que nos cerca e/ou como aspiração para uma melhor aceitação da arte de quem produz.

Traçando uma leitura dentro dos diversos desdobramentos que a arte urbana pode ter, foi possível analisar que o grafite dialoga com diversas áreas. Fazendo uma distinção clara entre a pichação. Podemos concluir que embora as duas formas de fazer tenham a rua como berço e lugar de atuação, o grafite bem como a *street art*, trouxeram consigo o diálogo com a sociedade, enquanto a prática da pichação ainda se mantém como marginalizada ( em alguns casos, intencionalmente). Ainda assim, pode-se dizer que a pichação é o primeiro passo e contato com a arte urbana.



O caminho percorrido pela arte de rua em geral, não foi e ainda não está sendo fácil, mas, o reconhecimento começa a vir aos poucos, e as mudanças podem ser vistas nas temáticas, nos resultados dos projetos e na crescente ascensão desses artistas, seja nacional ou internacionalmente. Ainda assim, pode-se dizer que falta uma política pública que atue na

tentativa de incorporar mais a arte urbana na vida dos jovens e admiradores do grafite e da *street art*.

No que se refere à cidade do Rio de Janeiro, o grafite ainda está muito ligado aos movimentos de emancipação e reconhecimento social, características marcantes em todos os projetos aqui apresentados. A preocupação com a comunidade e com as crianças, jovens e mulheres é notável dentro da maioria dos projetos, assim como ensinar o que foi aprendido como forma de “gratidão” também é um traço marcante.

Logo, é de nossa responsabilidade enquanto agentes da cultura, pensar como poderíamos fazer do grafite uma arte menos marginalizada e mais disseminada, e como ela pode ser entendida como um elemento de transformação na vida de quem tem contato com a mesma, de forma passiva ou ativa. Podemos ver em vários exemplos neste trabalho, como é possível mudar a forma em que a sociedade reconhece a arte urbana. Traçar relações de identidade e luta por meio da arte é possível, através do engajamento político e social trabalhando juntos.

Anexo I

	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL	
---	---	---

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

NOME DO CANDIDATO: <b>LUIZA DE JESUS PION</b>	
TÍTULO DO TRABALHO: <b>GRAFITE: LEITURAS ESTÉTICAS E POLÍTICAS DE UMA ARTE URBANA</b>	
ORIENTADOR: Dr. <b>Leonardo Guelman</b>	
CATEGORIA: <input type="checkbox"/> monográfica <input type="checkbox"/> projetual	DATA DE APRESENTAÇÃO: <u>01/04/2016</u>

Os graus devem ser obtidos a partir da média entre os três avaliadores.  
Esta ficha deve ser entregue junto com a Ata final, e não será encartada na monografia.

**I – APRESENTAÇÃO ESCRITA**      40% - (cada item até 1,0)      Grau: 4

- Estrutura metodológica (método adequado, problematização, objetivos, referencial teórico)
- Formatação (respeito às normas técnicas)
- Elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais (aspectos formais em relação aos elementos: pré-textuais – tudo que estiver antes da introdução, p. ex. capa, folha de rosto, relação de abreviaturas, sumário; textuais – formatação do corpo do trabalho em si, rodapés, capítulos etc; pós-textuais – tudo após a conclusão, ou seja formatação da bibliografia, anexos...)
- Clareza e correção da linguagem

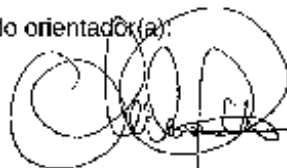
**II – CONTEÚDO**      40% - (cada item até 1,0)      Grau: 4

- Coesão e coerência textual
- Relevância do tema
- Referências adequadas e atualizadas
- Argumentação consistente

**III – APRESENTAÇÃO ORAL**      20% - (cada item até 1,0)      Grau: 2

- Exposição do trabalho
- Respostas à arguição

Rubrica do orientador(a):



Grau Final:  
10,0

## Referências:

### *Bibliografia*

AMARAL, Dado; GUELMAN, Leonardo; KUTASSY Mariana. **Livro urbano do profeta Gentileza**. Rio de Janeiro: Mundo das Ideias, 2011.

ARAÚJO, Marcelo da Silva. **Grafite como discurso urbano: fantasia e utopia na composição artística do quarto elemento**.

BARBOSA, João Guilherme Machado; FERNANDES, Larissa Dutra. **Pichação como manifestação cultural: arte ou vandalismo?** Graduação em Geografia – Universidade Federal de Uberlândia. I Simpósio Mineiro de Geografia – Alfenas 26 a 30 de maio de 2014.

BLAUTH, Lurdi, POSSA, Andrea Christine Kauer. **Arte, grafite e o espaço urbano**. Programa de pós-graduação em artes visuais. Rio Grande do Sul. Palíndromo. Nº 8, 2012.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. A ideia do cinema. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1955.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo. Martins Fontes Ed. 2009.

CEARÁ, Alex de Toledo. **Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação**. Psicol. USP vol.19 no.3 São Paulo jul./set. 2008.

COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo. Brasiliense. Coleção primeiros passos. 2001.

CÓRDULA, Raul. **Segunda Pessoa**. Revista de Artes Visuais. Ano 4, Numero . Mar-Abr-Mai. 2014.

GANZ, Nicholas. **O mundo do grafite: arte urbana dos cinco continentes**. Martins e Fontes Editora LTDA. São Paulo. 3ª edição. 2010.

GITHAY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo. Brasiliense. Coleção primeiros passos. 1999.

GUIMARÃES, Saulo Perreira. **Grafite para exportação**. Veja Rio. Ano 24. Numero 27. Edição de 8 de abril. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina. 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **O que é cultura**. 24 ed. Rio de Janeiro. Zahar Ed. 2009.

MOREN, Alice Belfort. **A Vida dos muros cariocas: o grafite e as apropriações do espaço público de 2007 a 2009**. Alice Belfort Moren. UFRJ/ PPGG, 2009. 137p, 1vol., il.

OLIVIERI, Cristiane. NATALE, Edson. **Guia brasileiro de produção cultural**. São Paulo: Edições Sesc, Sp. 2010-2011.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Castro Netto. São Paulo. EXO experimental org; Editora, 34. 2009.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo. Brasiliense. Coleção primeiros passos. 2006.

SILVA-E-SILVA. William da. **Graffitis em múltiplas facetas: definições e leituras iconográficas**. São Paulo. Annablume. 2011.

STAHL, Johannes. **Street Art**. H.F.Ullmann. 2009.

TAVARES, Jordana Falcão. **Graffiti o muro, a parede, a universidade e até a galeria**. IV encontro de história da arte –IFCH/ UNICAMP. Universidade Federal de Goiás. 2008.

VENTURA, Tereza. **Grafite e reconhecimento: uma perspectiva comparativa entre o Rio de Janeiro e Berlim**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol.48, N3, p. 261-267, setembro/dezembro. 2012.

\_\_\_\_\_. **Grafite hip-hop e reconhecimento: notas comparativas entre Rio e São Paulo**. P.1-24.

*Documentários/ vídeos:*

CINZA, **Cidade**. Direção: Marcelo Mesquita e Guilherme Valiengo. 2013. (Trailer). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7NpppZaGfJo> (acesso 20.7.2015)

DOMÉSTICA, **O graffiti pelo fim da violência**. Direção: Tainá Menezes 2014. CD ROM.

PAREDE, **Contra a:** O grafite e a pichação em Campo Grande-MS. Direção: Gustavo Arakaki, João Marcelo Sanches e Thaís Pimenta. 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oTGoxcKFvHo> (acesso 20.7.2015)

PIXO. Direção: João Wainer e Roberto T. Oliveira. 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JjS0653Gsn8> (acesso 20.7.2015)

SOCIAL, **Arte como instrumento de revolução.** Mundano at TEDxVer-o-Peso. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CXwstjBc2sw> (acesso 20.7.2015)

*Sites/ imprensa:*

**Agência Brasil - Grafite é reconhecido oficialmente como arte urbana no Rio.**

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-02/grafite-e-reconhecido-oficialmente-como-arte-urbana-no-rio> (acesso 20.7.2015)

**Art Scoop - Grafite.** <http://artscoop.com.br/blog/2015/10/05/hotel-marina-palace-ganha-grafite/> (acesso 6.2.2016)

**BBC Brasil - Britânico cria tour por melhores grafites de São Paulo.**

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150608\\_blog\\_para\\_ingles\\_ver\\_grafites\\_sp\\_charles\\_humphreys](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150608_blog_para_ingles_ver_grafites_sp_charles_humphreys) (acesso 20.7.2015)

**Bibliotecas do Brasil.** <http://www.bibliotecasdobrasil.com/2013/04/da-marginalidade-arte-afroreggae> (acesso 5.1.2016)

**Brasil Post - Chamados de 'pichadores', grafiteiros são agredidos covardemente no centro do Rio.** [http://www.brasilpost.com.br/2016/01/27/agressao-grafiteiros-rio\\_n\\_9087162.html?ncid=fcbklnkbrhpmg00000004](http://www.brasilpost.com.br/2016/01/27/agressao-grafiteiros-rio_n_9087162.html?ncid=fcbklnkbrhpmg00000004) (acesso 28.1.2016)

**Brasil 247 – Caminho do Grafite no Morro Dos Prazeres.**

[www.brasil247.com/pt/247/favela247/171675/Caminho-do-Grafite-no-Morro-dos-Prazeres.htm](http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/171675/Caminho-do-Grafite-no-Morro-dos-Prazeres.htm) (acesso 6.2.2016)

**Bored Panda - 30 Pieces Of Street Art That Cleverly Interact With Nature.**

[http://www.boredpanda.com/street-art-interacting-with-nature/?image\\_id=street-art-interacts-with-nature-1.jpg](http://www.boredpanda.com/street-art-interacting-with-nature/?image_id=street-art-interacts-with-nature-1.jpg) (acesso 20.7.2015)

**Catraca Livre - Coletivo se mobiliza contra apreensão de carroças no centro de SP**

<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/coletivo-se-mobiliza-contrapreensao-de-carrocas-no-centro-de-sp/> (acesso 20.3.2016)

**Casa Park -Grafiteiros – muralistas modernos.** <http://www.casapark.com.br/grafiteiros-muralistas-modernos/> (acesso 4.4.2015)

**Cavalera Blog.** - O Brasil nos muros. <http://www.cavalera.com.br/blog/tag/street-art/>. (acesso 6.2.2016)

**Conexão Cultural - Criola – do preconceito à arte urbana.**

<http://www.conexaocultural.org/blog/2014/11/criola-do-preconceito-a-arte-urbana/>(acesso 20.3.2016)

**Culture Hip Hop – Grafite arte nas paredes das ruas.**

<http://culturehiphop.blogspot.com.br/2011/08/grafite-arte-nas-paredes-das-ruas.html> (acesso 6.2.2016)

**Devorador do pecado – Desrespeito aos artistas Gemêos.** <http://devorador-d6-pecado.blogspot.com.br/2013/05/desrespeito-aos-artistas-osgemeos.html> (acesso 6.2.2016)

**El País - São Paulo, a capital mundial do grafite.**

[http://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/23/cultura/1385165447\\_940154.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/23/cultura/1385165447_940154.html) (acesso 28.8.2015)

**Estadão - Grafite, design, artesanato... Indústria criativa movimenta R\$110 bilhões no Brasil.** <http://pme.estadao.com.br/noticias/noticias,grafite--design--artesanato-industria-criativa-movimenta-r-110-bilhoes-no-brasil,4995,0.htm> (acesso 28.8.2015)

**Farm Rio. Graffiti, Adoro!** <http://www.farmrio.com.br/adorofarm/tag/graffiti/> (acesso 20.1.2016)

**Fecortez – Arte no muro: grafites inovadores se tornam cartês postais do Rio.**

<http://fecortez.com.br/2013/04/arte-no-muro-grafites-inovadores-e-se-tornam-cartoes-postais-do-rio> (acesso 20.1.2016)

**Folha de São Paulo – Rede feminista com 500 mulheres usa o grafite a violência domestica.** <http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2015/11/1706632-rede-feminista-com-500-mulheres-usa-o-grafite-contra-a-violencia-domestica.shtml?cmpid=facefolha> (acesso 22.1.2016)

**Folha de São Paulo – Grafiteira sai do suburbio e ganha o do mundo com arte e militância.** <http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2015/11/1706286-grafiteira-sai-do-suburbio-e-ganha-os-muros-do-mundo-com-arte-e-militancia.shtml> (acesso 22.1.2016)

**Galeria Movimento.**

<http://www.galeriamovimento.com.br/artistas/2/mateu-velasco> (acesso 5.1.2016)

**Gestão Escolar - Grafite transformador.**

<http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/grafite-transformador-682321.shtml> (acesso 20.7.2015)

**Globo. Com – Grafite se firma como arte urbana no Rio e leva oportunidades a jovens carentes**

<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1198297-5606,00-GRAFITE+SE+FIRMA+COMO+ARTE+URBANA+NO+RIO+E+LEVA+OPORTUNIDAD E+A+JOVENS+CAREN.html> (acesso 20.1.2016)

**Globo.com – INCA, no Rio, ganha quadrinho de rua de 400 metros quadrados.**

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/inca-no-rio-ganha-maior-quadrinho-de-rua-do-mundo-diz-instituto.html> (acesso 20.1.2016)

**Globo.com - Segundo acusado de pichar o Cristo Redentor se entrega à polícia.**

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/04/segundo-acusado-de-pichar-o-cristo-redentor-se-apresenta-policia.html> (acesso 22.2.2016)

**Grupo ONPI.** <http://site.grupoopni.com.br/> (acesso 20.7.2015)



**Hypenss -Primeiras grafiteiras afegãs usam arte para apagar as marcas da guerra.**

<http://www.hypeness.com.br/2013/09/primeiras-grafiteiras-afegas-usam-arte-para-apagar-as-marcas-da-guerra/> (acesso 22.1.2016)

**Jornal Destak - Jockey retira grafites do Jardim Botânico.**

<http://www.destakjornal.com.br/noticias/diversao-arte/jockey-retira-grafites-do-jardim-botanico-225930/> (acesso 5.1.2016)

**Jornal O Dia – Projeto cultural leva graffiti às escolas municipais do Rio.**

<http://odia.ig.com.br/diversao/2015-05-04/projeto-cultural-leva-grafitti-as-escolas-municipais-do-rio.html> (acesso 22.2.2016)

**Jornal O Dia – “Era um sonho antigo” diz jovem que pichou relógio da Central do Brasil**

<http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-02-17/era-um-sonho-antigo-diz-jovem-que-pichou-relogio-da-central-do-brasil.html> (acesso 22.2.2016)

**Jornal O Dia - Prazeres Tour, grupo de guias locais criado há três anos, espera incremento no fluxo de turistas por conta do caminho.**

<http://blogs.odia.ig.com.br/guia-das-comunidades/2014/04/25/roteiros-incluem-ate-filme-com-a-historia-do-morro/> (acesso 10.1.2016)

**Jornal O Globo - Acordo permitirá que grafiteiros usem trecho do muro do Jockey.**

<http://oglobo.globo.com/rio/acordo-permitira-que-grafiteiros-usem-trecho-do-muro-do-jockey-12027404> (acesso 5.1.2016)

**Jornal O Globo - Artista plástica Joana César espalha mensagens cifradas pelos bairros pela cidade.**

<http://oglobo.globo.com/cultura/artista-plastica-joana-cesar-espalha-mensagens-cifradas-pelos-bairros-pela-cidade-10046807> (acesso 5.1.2016)

**Jornal O Globo - Decreto do prefeito Eduardo Paes cria normas para o grafite na cidade.**

<http://oglobo.globo.com/rio/decreto-do-prefeito-eduardo-paes-cria-normas-para-grafite-na-cidade-11645311> (acesso 5.1.2016)

**Jornal O Globo - Grafite invade sala de aula.**

<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/grafite-invade-sala-de-aula-7993663> (acesso 22.1.2016)

**Jornal O Globo – Reforma em muro do Jokey club apaga grafites.**

<http://oglobo.globo.com/rio/em-reforma-de-muro-jockey-club-apaga-grafites-provoca-polemica-11963007> (acesso 6.2.2016)

**Literatura e Rio de Janeiro. – A arte ameaçada: grafites no muro do Jockey.**

<http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com.br/2014/04/arte-ameacada-grafites-no-muro-do-jockey.html> (acesso 5.1.2016)

**Marcelo Ment.** <http://marceloment.com.br/> (acesso 5.1.2016)

**Mistura Urbana - Grafiteira Pannela Castro abre exposição no Rio de Janeiro.**

<http://misturaurbana.com/2015/04/grafiteira-panmela-castro-abre-exposicao-rio-de-janeiro/> (acesso 10.2.2016)

**Mistura Urbana - Marcelo Eco e sua essência que vem da rua.**

<http://misturaurbana.com/2014/04/entrevista-marcelo-eco-e-sua-essencia-que-vem-da-rua/> (acesso 5.1.2016)

**Namu - Grafite valoriza a mulher brasileira.** <http://www.namu.com.br/materias/grafite-valoriza-mulher-brasileira> (acesso 20.3.2016)

**Na Resposta - Grupo Opni espalha grafite e cultura pela periferia.**

<https://naresposta.catracalivre.com.br/geral/explicai/indicacao/grupo-opni-espalha-grafite-e-cultura-pela-periferia/> (acesso 20.7.2015)

**Obvious Mag - As artes e a evolução humana.**

[http://lounge.obviousmag.org/psicologia\\_na\\_contemporaneidade/2014/11/as-artes-e-a-evolucao-da-especie-humana.html#ixzz3fd8GsBwD](http://lounge.obviousmag.org/psicologia_na_contemporaneidade/2014/11/as-artes-e-a-evolucao-da-especie-humana.html#ixzz3fd8GsBwD) (acesso 8.7.15)

**Paraíba Total - João Pessoa sedia II Encontro de Graffiti CIC.**

<http://www.paraibatotal.com.br/noticias/2015/05/13/36157-joao-pessoa-sedia-ii-encontro-de-graffiti-cic> (acesso 1.5.2016)

**Point da arte – História da arte do grafite.**

<http://pointdaarte.webnode.com.br/news/historia-da-arte-do-grafite/> (acesso 4.4.2015)

**Portal Anpocs - Grafite Hip-Hop e reconhecimento: Notas comparativas entre Rio e São Paulo**

[http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=3496&Itemid=232](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3496&Itemid=232) (acesso 22.1.2016)

**Porto Maravilha – Zé Ninguém.** [portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/3720](http://portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/3720).(acesso 6.2.2016)

**Pulse Libre - Pimp my carroça: deixando a cidade mais colorida**

<http://pulselibre.com.br/blog/2012/07/20/pimp-my-carroca-deixando-a-cidade-mais-colorida/> (acesso 20.3.2016)

**Processamento Digital - Google Street Art View faz mapa do graffiti no mundo.**

<http://www.processamentodigital.com.br/2011/08/18/google-street-art-view-faz-mapa-do-graffiti-no-mundo/> (acesso 11.4.2015)

**Projeto Paz.** - [www.projetopaz.com/](http://www.projetopaz.com/) (acesso 20.1.2016)

**Revista Arruaça.** <http://casperlibero.edu.br/pichacao-arte-e-pixacao/> (acesso 22.1.2016)

**Rio ECT - Os 10 grafiteiros mais populares do Street Art Rio.**

<http://www.rioetc.com.br/rio-de-janeiro/os-10-grafiteiros-mais-populares-do-streetartrio/> (acesso 5.1.2016)

**Revista Abril – Mais educação educar para crescer.**

<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/mais-educacao-educar-para-crescer-504011.shtml> (acesso 22.1.2016)

**Revista Cult – Pintando pra quebrar.**

<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/03/pintando-pra-quebrar/> (acesso 22.1.2016)

**Revista Usina – Entrevista com Joana César.**

<http://revistausina.com/2014/08/16/entrevista-com-joana-cesar/> (acesso 6.2.2016)

**Renata Sim - Arte como crime, crime como arte.**

<https://renatasim.wordpress.com/2008/06/12/arte-como-crime-crime-como-arte/>  
(acesso.20.7.15)

**Street Art Rio.** <http://streetartrio.com.br/mapa/> (acesso 4.1.2016)

**Street Art NYC - Girls on Walls, Part XV: David Cooper, Cern, Mag Magrela, Caratoes, Andre Trenier and Dasic Fernandez**

<http://streetartnyc.org/blog/2015/01/14/girls-on-walls-part-xv-david-cooper-cern-mag-magrella-caratoes-andre-treiner-and-dasic-fernandez/> (acesso 20.3.2016)

**Subsolo Art - Morro dos Prazeres Recebe o “Caminho do Graffiti”.**

<http://subsoloart.com/blog/2014/02/evento-morro-dos-prazeres-recebe-o-caminho-do-graffiti/>  
(acesso 22.1.2016)

**Total - Arte leva autoestima para comunidade no Rio de Janeiro.**

<http://br.total.com/pt-br/total-no-brasil/projetos-por-uma-energia-melhor-no-brasil/arte-leva-autoestima-para-comunidade-no-rio-de-janeiro> (acesso 10.1.2016)

**Tv Brasil - A arte do grafite em destaque.**

<http://tvbrasil.ebc.com.br/artedoartista/episodio/a-arte-do-grafite-em-destaque> (acesso 5.1.2016)

**Tributo ao caos – Por um verão com menos roupa e mais respeito.**

<http://tributoaocaos.blogspot.com.br/2015/03/por-um-verao-com-menos-roupa-e-mais.html>  
(acesso 20.3.2016)

**Uol - Asfalto de plástico e grafite em carroça ganham premio de economia criativa.**

<http://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2014/12/04/asfalto-de-plastico-e-grafite-em-carroca-ganham-premio-de-economia-criativa.htm> (acesso 5.1.2016)

**Veja Rio - App traz curiosidades sobre obras de arte e pontos famosos do Rio.**

<http://vejario.abril.com.br/materia/cidade/app-traz-curiosidades-obras-arte-pontos-turisticos-rio/> (acesso 11.4.2015)

**Yes Magazine – How Brazilian woman are using graffiti to end the cycle of domestic violence.**

<http://www.yesmagazine.org/people-power/how-brazilian-woman-are-using-graffiti-to-end-the-cycle-of-domestic-violence-20160121> (acesso 22.1.2016)

**Wikipédia- Grafito.**

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Grafito> (acesso 4.4.2015)

**Wikipédia- SAMO.**

<http://en.wikipedia.org/wiki/SAMO> (acesso 4.4.2015)

**Zupi - AfroGrafitteiras: sobre graffiti, mulheres e protagonismo.**

<http://www.zupi.com.br/afrografiteiras-sobre-graffiti-mulheres-e-protagonismo/> (acesso 10.1.2016)